

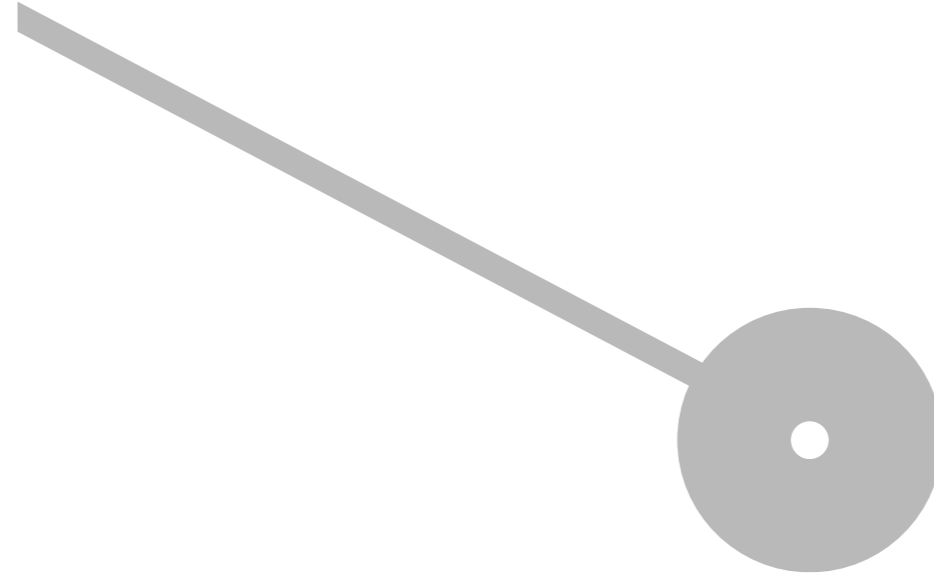
Martim- Um Olhar Fotográfico Sobre o
Autismo Infantil
Ana Rita Cortês André

09/2023

Ana Rita Cortês André. Martim- Um Olhar Fotográfico Sobre o Autismo Infantil

Martim- Um Olhar Fotográfico
Sobre o Autismo Infantil
Ana Rita Cortês André

09/2023



Politécnico do Porto
Escola Superior de Media Artes e Design

Ana Rita Cortês André

Martim- Um Olhar Fotográfico Sobre o Autismo Infantil

Trabalho de Projeto

Mestrado em Comunicação Audiovisual

Especialização em Fotografia e Cinema Documental

Orientação: Prof. Doutor João Leal

Coorientação: Prof. Doutor Cesário Alves

Vila do Conde, setembro de 2023

Ana Rita Cortês André

Martim- Um Olhar Fotográfico Sobre o Autismo Infantil

Trabalho de Projeto

Mestrado em Comunicação Audiovisual

Especialização em Fotografia e Cinema Documental

Membros do Júri

Presidente

Prof. Luís Ribeiro

Escola Superior de Media Artes e Design– Instituto Politécnico do Porto

Orientador

Prof. Doutor João Pedro Ferreira Dias Leal

Escola Superior de Media Artes e Design – Instituto Politécnico do Porto

Arguente

Prof^a. Doutora Sónia Neves

Universidade Católica do Porto

Vila do Conde, setembro de 2023

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer aos meus pais, que sempre me apoiaram incondicionalmente e financeiramente, sem dúvida foram essenciais neste percurso e não teria chegado até aqui sem eles.

Um agradecimento especial ao André, por todo o suporte, paciência e apoio incansável diariamente.

Um agradecimento muito especial ao meu tio Luís, pai do Martim, e à Cristina, mãe do Martim, por terem permitido a concretização deste projeto, por todo o apoio, ajuda e disponibilidade, durante a realização e produção do mesmo.

Ao Martim, por me ter permitido entrar na sua rotina diária e por me ter permitido fotografá-lo. Sem ele, este projeto não existiria.

Também às minhas amigas Andreia, Cátia e Felícia, por todo o apoio incondicional, por toda a ajuda e por todos os conselhos.

Um agradecimento especial aos meus orientadores, João Leal e Cesário Alves, pela disponibilidade, ajuda e apoio prestado, durante toda a realização deste projeto.

A todos os professores do curso, por me transmitirem todos os conhecimentos necessários das várias áreas de especialização, pela disponibilidade e por me ajudarem a evoluir, quer a nível pessoal, quer a nível profissional.

Ao professor Vítor Quelhas, pelos conselhos dados, relacionados com o design gráfico do livro de fotografia.

Ao senhor Carvalho, encadernador de livros, da loja Ana & Carvalho, por toda a disponibilidade e paciência, que contribuiu para as artes finais do livro.

Aos meus colegas de turma, pelo bom ambiente, gargalhadas, pela ajuda, por toda a partilha e troca de conhecimento, acredito que todos crescemos e aprendemos uns com os outros.

Também à Joana, responsável pela AHPV- Associação Hípica e Psicomotora de Viseu, por todo o apoio e disponibilidade para a realização deste projeto.

Um agradecimento à Diana, responsável pelo acompanhamento das sessões da terapia de cavalos do Martim, realizada nas instalações da AHPV- Associação Hípica e Psicomotora de Viseu.

A todos os profissionais que acompanham o Martim, em especial a professora de ensino especial Cláudia, a terapeuta da fala Joana, a professora Helena, a psicóloga Ângela e o terapeuta da psicomotricidade António.

Também à terapeuta Isabel, que acompanha o Martim nas sessões de terapia ocupacional, em Viseu.

Também a todas as Assistentes Operacionais que acompanham diariamente o Martim na escola, em particular a Joanhina, Patrícia e Ana Isabel, pela maneira como me acolheram, pelas conversas, pela paciência e apoio prestado.

Por fim, gostaria de agradecer à ESMAD e a todos os profissionais que fazem parte do Mestrado em Comunicação Audiovisual (Especialização em Fotografia e Cinema Documental), que contribuíram para a conclusão desta etapa académica. Todos, sem exceção, foram fundamentais para o meu percurso no mestrado e para a conclusão do mesmo.

RESUMO ANALÍTICO

Martim- Um Olhar Fotográfico Sobre o Autismo Infantil é um projeto fotográfico que tem como objetivo desenvolver um trabalho fotográfico observacional sobre a vida de uma criança com autismo. Essa criança é acompanhada em variados contextos – quando brinca (a sós e em pequenos grupos) e quando se relaciona com diferentes pessoas e espaços – onde é observada a forma como reage a diferentes estímulos.

A metodologia do processo fotográfico passou por demonstrar algumas das particularidades que caracterizam o autismo do Martim, no qual foi feito o acompanhamento semanal durante um período de três meses. O processo metodológico do ensaio passou inicialmente pela pesquisa sobre a condição do autismo, de forma a perceber como, enquanto fotógrafa, poderia atuar. Numa fase mais avançada, foi desenvolvida uma pesquisa sobre o papel da imagem fotográfica enquanto ferramenta terapêutica. Essa pesquisa implicou uma análise a trabalhos de outros autores e o contato com os profissionais especializados que acompanham o Martim diariamente, o que ajudou a definir os vários caminhos para a abordagem fotográfica.

Este projeto resultou na produção de um livro de fotografia, onde nos é permitido acompanhar o Martim nos diversos contextos que frequenta. Este livro é dirigido ao Martim e aos seus pais e família, bem como a todas as pessoas que vivem com a mesma condição e respetivas famílias. Para o público em geral poderá ser útil para que possam conhecer uma realidade que, apesar de ter desafios diferentes dos seus, é todos os dias vivida intensamente, com respeito e amor.

Palavras-chave:

Autismo; Ferramenta Terapêutica; Fotografia Documental.

ABSTRACT

Martim- A Photographic Look on Childhood Autism is a photographic project that aims to develop an observational photographic work on the life of a child with autism. This child is concomitant in different contexts – when playing (alone and in different small groups) and when interacting with different people and spaces – where the way he reacts to different stimuli is observed.

The methodology of the photographic process involved demonstrating some of the particularities that characterize Martim's autism, in which weekly follow-up was carried out over a period of three months. The methodological process of the essay initially involved research on the condition of autism, in order to understand how, as a photographer, she could act. At a more advanced stage, research was carried out on the role of the photographic image as a therapeutic tool. This research required an analysis of works by other authors and contact with specialized professionals who follow Martim on a daily basis, which helped to define the various paths for the photographic approach.

This project resulted in the production of a photography book, where we can follow Martim in the different contexts he frequents. This book is aimed at Martim and his parents and family, as well as all people living with the same condition and their families. For the general public, it could be useful for them to get to know a reality that, despite having challenges different from theirs, is lived intensely every day, with respect and love.

Keywords:

Autism; Therapeutic Tool; Documentary Photography.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	1
RESUMO ANALÍTICO	3
ABSTRACT	4
ÍNDICE.....	5
ÍNDICE DE FIGURAS	7
ÍNDICE DE TABELAS.....	9
INTRODUÇÃO.....	10
PARTE 1 – A REPRESENTAÇÃO VISUAL DO AUTISMO	12
CAPÍTULO 1: O AUTISMO ENQUANTO CONDIÇÃO	12
1.1. Contexto Histórico	12
1.2. Definição de Autismo.....	13
1.3. Tipos de Graus de Autismo.....	14
1.4. Perturbações do Neurodesenvolvimento.....	16
CAPÍTULO 2: A IMAGEM FOTOGRÁFICA COMO REPRESENTAÇÃO E FERRAMENTA TERAPÊUTICA.....	17
2.1. Fotografia Documental: Autenticidade e Veracidade	17
2.2. A Imagem como Ferramenta Terapêutica.....	24
2.3. Benefícios da Fotografia em Crianças com Autismo.....	31
CAPÍTULO 3: OLHARES FOTOGRÁFICOS SOBRE O AUTISMO	33
3.1. <i>Echolilia, Sometimes I Wonder</i> , de Timothy Archibald.....	33
3.2. <i>Look Me in the Lens</i> , de Kate Miller-Wilson.....	37
3.3. <i>August</i> , de Ashleigh Raddatz.....	40
PARTE 2 – PROJETO FOTOGRÁFICO “MARTIM- UM OLHAR FOTOGRÁFICO SOBRE O AUTISMO INFANTIL”	44
CAPÍTULO 4: METODOLOGIA DA ABORDAGEM PRÁTICA.....	44
4.1. Condições e Autorizações dos Locais Fotografados	44
4.2. Considerações Éticas do Projeto.....	44

4.3. Equipamento.....	45
4.4. Cronograma e Orçamento Final do Projeto.....	47
4.5. Escolhas Fotográficas	49
4.6. O Processo de Seleção, Edição e Pós-Produção	57
CAPÍTULO 5: EXECUÇÃO DO LIVRO DE FOTOGRAFIA.....	69
5.1. O Processo da Construção do Livro de Fotografia.....	69
5.2. Acabamentos Finais	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	74
ANEXOS.....	76
Anexo A – Autorização do Diretor do Agrupamento de Escolas de Tondela Tomaz Ribeiro	76
Anexo B – Autorização dos Pais do Martim.....	77
Anexo C – Cronograma do Projeto	79
Anexo D – Email das Questões Feitas aos Professores e Terapeutas	79
Anexo E– Documento Word com as Respostas dos Professores e Terapeutas.....	80

ÍNDICE DE FIGURAS

Imagem 1- Mill Children #440, South Carolina por Lewis Hine (1908).....	19
Imagem 2- Powerhouse Mechanic por Lewis Hine (1921)	20
Imagem 3- Welders on the Empire State Building por Lewis Hine (1930)	20
Imagem 4- Five Cents a Spot por Jacob Riis (1890).....	21
Imagem 5- Children’s Playground, Poverty Gap por Jacob Riis (1892)	22
Imagem 6- Little Susie in Gotham Court por .Jacob A. Riis (1892).....	22
Imagem 7- Parade - Hoboken, New Jersey por Robert Frank (1955)	23
Imagem 8- Método PECS. Imagem por Rita Cortês (2023)	27
Imagem 9- Max explora a sua cozinha (Data desconhecida).....	29
Imagem 10- Max explora a sua casa (Data desconhecida)	30
Imagem 11- Scarlet, amiga de Max (Data desconhecida)	31
Imagem 12- Echolilia- Sometimes I Wonder por Timothy Archibald (2010)	34
Imagem 13- Echolilia- Sometimes I Wonder por Timothy Archibald (2010)	35
Imagem 14- Echolilia- Sometimes I Wonder por Timothy Archibald (2010).....	35
Imagem 15- Echolilia- Sometimes I Wonder por Timothy Archibald (2010)	36
Imagem 16- Echolilia- Sometimes I Wonder por Timothy Archibald (2010).....	36
Imagem 17- I can almost reach you por Kate Miller-Wilson (2015).....	38
Imagem 18- The other you, the one who sees me por Kate Miller-Wilson (2016)	38
Imagem 19- First spring storm por Kate Miller-Wilson (2017)	39
Imagem 20- Everything is an instrument por Kate Miller-Wilson (2017).....	39
Imagem 21- School Day Sunrise por Kate Miller-Wilson (2017)	40
Imagem 22- August por Ashleigh Raddatz (2017)	41
Imagem 23- August a brincar sozinho por Ashleigh Raddatz (2017)	42
Imagem 24- August na rua, a esconder o rosto por Ashleigh Raddatz (2017).....	42
Imagem 25- August, 5 anos, a andar de baloiço por Ashleigh Raddatz (2017).....	43
Imagem 26- August com o irmão por Ashleigh Raddatz (2017).....	43
Imagem 27- Espaço interior sala por Rita Cortês (2023)	50
Imagem 28- Martim abraçado ao braço do sofá por Rita Cortês (2023)	50
Imagem 29- Hora do lanche por Rita Cortês (2023)	51
Imagem 30- Hora do lanche por Rita Cortês (2023)	51
Imagem 31- Mesa de refeições por Rita Cortês (2023)	52
Imagem 32- Carrinho de brincar por Rita Cortês (2023)	53
Imagem 33- Martim no recreio por Rita Cortês (2023).....	53
Imagem 34- Hora de almoço no refeitório da escola por Rita Cortês (2023).....	54

Imagem 35- Martim no recreio por Rita Cortês (2023).....	54
Imagem 36- Martim a brincar com paus na sala de aula por Rita Cortês (2023)	55
Imagem 37- Exercício na terapia ocupacional por Rita Cortês (2023).....	56
Imagem 38- Jogo educativo por Rita Cortês (2023)	56
Imagem 39- Martim na terapia ocupacional por Rita Cortês (2023)	57
Imagem 40- Pastas organizadas dos locais onde se fotografou por Rita Cortês (2023).....	57
Imagem 41- Pasta da seleção final de imagens por Rita Cortês (2023).....	58
Imagem 42- Pré-edição de um boneco por Rita Cortês (2023).....	59
Imagem 43- Pós-produção de um boneco por Rita Cortês (2023)	60
Imagem 44- Pré-edição do Martim na terapia ocupacional por Rita Cortês (2023).....	60
Imagem 45- Pós-produção do Martim na terapia ocupacional por Rita Cortês (2023).....	61
Imagem 46- Pré-edição do Espaço interior da casa da mãe por Rita Cortês (2023)	62
Imagem 47- Pós-produção do Espaço interior da casa da mãe por Rita Cortês (2023)	62
Imagem 48- Pré-edição do Martim deitado no chão por Rita Cortês (2023)	63
Imagem 49- Pós-produção do Martim deitado no chão por Rita Cortês (2023).....	63
Imagem 50- Pré-edição do Martim a brincar com bolas de sabão por Rita Cortês (2023)	64
Imagem 51- Pós-produção do Martim a brincar com bolas de sabão por Rita Cortês (2023).....	64
Imagem 52- Pré-edição do Martim na terapia com cavalos por Rita Cortês (2023)	65
Imagem 53- Pós-produção do Martim na terapia com cavalos por Rita Cortês (2023).....	65
Imagem 54- Pré-edição do Jardim na casa do pai por Rita Cortês (2023).....	66
Imagem 55- Pós-produção do Jardim na casa do pai por Rita Cortês (2023)	66
Imagem 56- Pré-edição do Martim no terraço de casa da mãe por Rita Cortês (2023).....	67
Imagem 57- Pós-produção do Martim no terraço de casa da mãe por Rita Cortês (2023)	67
Imagem 58- Pré-edição do Martim com a mãe por Rita Cortês (2023).....	68
Imagem 59- Pós-produção do Martim com a mãe por Rita Cortês (2023)	68

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Níveis de gravidade do transtorno do espectro autista.....	15
Tabela 2- As Seis Fases do PECS.....	28

INTRODUÇÃO

“Martim- Um Olhar Fotográfico Sobre o Autismo Infantil” é um projeto fotográfico, sobre uma criança com autismo e sobre a forma como a fotografia pode funcionar como uma ferramenta terapêutica. O presente trabalho tem como foco uma criança de sete anos, que, aos dois, foi diagnosticada com a condição do autismo. Essa criança chama-se Martim e é um familiar da autora do projeto.

A Federação Portuguesa de Autismo (FPDA), uma instituição particular de solidariedade social, que tem como missão a defesa dos direitos de pessoas no espectro do autismo, define o autismo como uma condição neurológica de desenvolvimento, presente desde a infância e de caráter permanente, decorrente de alterações no desenvolvimento e na maturação do sistema nervoso central (FPDA, 2021).

Na primeira experiência no desenvolvimento de um projeto fotográfico sobre o autismo, a autora adquiriu conhecimentos sobre essa condição, como por exemplo, a forma como as crianças com autismo comunicam com os objetos à sua volta e com quem as rodeia. Muitas vezes, essa comunicação é feita com alguma resistência. Foi essa resistência que me suscitou a vontade de perceber até que ponto a fotografia poderia melhorar o processo comunicativo com estas crianças.

Através da observação e do olhar fotográfico da autora, este projeto tem como objetivo acompanhar e documentar, em variados contextos, a vida do Martim, a forma como ele brinca, se relaciona com as pessoas e com os espaços onde se insere, bem como a sua reação a diferentes estímulos. Por outro lado, interessou investigar e compreender, através de casos de estudo publicados, de que outra forma a fotografia pode ser integrada em processos terapêuticos, incentivando a expressão e comunicação através da mesma, no trabalho com pessoas com autismo. O enquadramento teórico passou ainda pelo contato com profissionais especializados, que trabalham atualmente com o Martim, nomeadamente a terapeuta da fala, o terapeuta de psicomotricidade, a psicóloga, a professora de ensino especial e a terapeuta ocupacional e comportamental, para perceber a importância que a imagem representa em contexto de terapia.

A metodologia do processo de trabalho fotográfico passa por demonstrar algumas das particularidades que caracterizam o autismo do Martim. Posto isto, foi feito o acompanhamento semanal da sua rotina diária, durante um período de três meses. Os locais representados nas imagens são aqueles onde ele passa mais tempo, como a sua

escola primária, a casa do pai, a casa da mãe, o local onde realiza a terapia com cavalos (AHPV- Associação Hípica e Psicomotora de Viseu), e o sítio onde frequenta a terapia ocupacional e comportamental, em Viseu.

A parte prática deste projeto resultou na produção de um livro de fotografia, dirigido ao Martim e aos seus pais e família, bem como a todas as pessoas que vivam com a mesma condição e respetivas famílias. Para além disso, este livro é também dirigido ao público em geral, no sentido de lhes dar a conhecer uma realidade que, apesar de diferente da deles, é todos os dias vivida de forma intensa, com respeito e amor. Depois de fisicamente produzido, o livro será apresentado numa primeira fase ao Martim e à sua família, e depois apresentado em contexto escolar, à comunidade que o acompanha. Contamos que as reações obtidas possam ser apresentadas no contexto da defesa perante o júri.

O presente trabalho encontra-se dividido em duas partes. A Parte 1, fala da representação visual do autismo, onde é abordado o autismo enquanto condição, a imagem fotográfica como representação e ferramenta terapêutica e alguns exemplos de olhares fotográficos sobre o autismo. A parte 2, trata a metodologia da abordagem prática, a execução do livro de fotografia, as considerações finais, as referências bibliográficas e os anexos do projeto.

PARTE 1 – A REPRESENTAÇÃO VISUAL DO AUTISMO

CAPÍTULO 1: O AUTISMO ENQUANTO CONDIÇÃO

O capítulo 1 trata alguns conhecimentos relacionados com o autismo, nomeadamente o autismo enquanto condição, o seu contexto histórico, definição de autismo, tipos de graus de autismo e algumas das perturbações do neurodesenvolvimento.

1.1. Contexto Histórico

O termo autismo vem da língua grega, que significa “de si mesmo”. Criado em 1911 por Eugen Bleuler, tinha como objetivo descrever e caracterizar o afastamento social, a fuga da realidade e o retraimento interior, de pacientes diagnosticados com esquizofrenia (Cunha, 2020). Assim, de forma ampla, o autismo significa alguém com uma tendência para se abstrair do mundo exterior.

No ano de 1943, o pedopsiquiatra Leo Kanner, realizou um estudo a um grupo de 11 crianças, cujo comportamento descreveu como sendo diferente do da maioria das crianças. Os testes psicométricos que Kanner efetuou, captaram a existência da falta de reação a sons ou uma resposta insuficiente a eles. Contudo, um exame específico demonstrou que o transtorno básico escondia a capacidade cognitiva das crianças, confirmando que não havia qualquer deficiência auditiva. O único fator comum entre as crianças que Leo Kanner estudou, era a impossibilidade de estabelecer conexões com pessoas e com situações em si, sendo que chegou a afirmar que cada criança demonstrava um isolamento extremo ou um “afastamento autístico profundo” (Hewitt, 2008, p. 7).

Após a publicação de Leo Kanner, o pediatra Hans Asperger descreveu um transtorno psicológico semelhante ao de Kanner, também caracterizado por limitações de interações sociais e com interesses obsessivos, atualmente conhecido como Síndrome de Asperger. Manifestando-se desde cedo, a Síndrome de Asperger caracteriza-se por um contato perturbado, mas superficialmente possível em crianças muito inteligentes. O transtorno fundamental desta síndrome consiste na limitação dessas crianças nas relações sociais, algo que persiste durante toda a sua existência.

Em 1944, Hans Asperger publicou um trabalho intitulado *Autistic Psychopathy in Childhood*, onde descreve um grupo de rapazes que apresentava um “QI médio ou acima

da média, mas para quem era difícil encaixar-se socialmente” (Hewitt, 2008, p. 9). Segundo Asperger, a maior parte das crianças apresentava “ansiedade ou perturbação se ocorriam mudanças inesperadas no seu quotidiano, como alterações de lições, de sala de aula, ou de professores” (Hewitt, 2008, p. 9).

Para além disso, quer o psiquiatra Hans Asperger, quer o pedopsiquiatra Leo Kanner, ambos realçam a importância de que alguns objetos significam para crianças com esses transtornos. Kanner constatou até, que a criança autista “tem boas relações com os objetos”, demonstrando interesse neles, sendo capazes de brincar com eles durante horas, de forma empolgada.

1.2. Definição de Autismo

O autismo é um grave transtorno de neurodesenvolvimento, que compromete a aquisição de algumas das capacidades mais importantes do ser humano. As características clínicas centrais do desenvolvimento desse transtorno incluem “prejuízos nas interações sociais, deficiências na comunicação verbal e não verbal, limitação das atividades e interesses, e padrões de comportamento estereotipados” (Zilbovicius et al., 2006, p. 22).

Cada indivíduo dentro do espectro do autismo, desenvolve um conjunto de dificuldades variadas e características muito particulares. Isso influencia a forma de como cada um se relaciona, expressa e comporta. Algumas dessas características passam sobretudo pela dificuldade em interagir socialmente, como manter o contato visual, expressão facial, gestos, expressar as suas próprias emoções e fazer amizades; a dificuldade na comunicação, recorrendo ao uso repetitivo da linguagem e bloqueios para começar ou manter uma conversa; e por fim, as alterações comportamentais, como apego excessivo às rotinas, ações repetitivas, interesse intenso em coisas específicas, dificuldade de imaginação e sensibilidade sensorial (Zilbovicius et al., 2006).

De acordo com a FPDA (Federação Portuguesa de Autismo), o autismo é uma condição neurológica de desenvolvimento, com carácter permanente, presente desde a infância, decorrente de alterações no desenvolvimento e na maturação do sistema nervoso central (FPDA, 2021).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), é uma condição de desenvolvimento complexa, que envolve desafios persistentes na comunicação social. A Associação

Americana de Psiquiatria (American Psychiatric Association) define a Perturbação do Espectro do Autismo como “uma síndrome neuro-comportamental, com origem em perturbações do sistema nervoso central, que afeta o desenvolvimento normal da criança” (American Psychiatric Association, 2023).

Os primeiros sinais do autismo podem ser detetados pelos pais ou pediatras, antes da criança atingir o primeiro ano de idade. No entanto, os sintomas tornam-se mais visíveis quando a criança tem dois ou três anos. Sendo uma síndrome complexa, existem vários tipos de diagnóstico, todos com quadros de comportamentos distintos, pois quando numa idade precoce, os sintomas apresentados dificultam o diagnóstico certo. O autismo é um modo diferente de expressão, que não parece agravar-se com o avanço de idade (Cunha, 2020).

1.3. Tipos de Graus de Autismo

Existem dois tipos de autismo, o “típico” e o “clássico”, tendo ambos como características: dificuldade em desenvolver relacionamentos; competências de interação limitadas; preferência por jogos repetitivos, sem uma ideia real da forma mais adequada de como usar um brinquedo ou objeto específico; fascínio por objetos que podem ser manipulados através de movimentos repetitivos de motricidade fina, geralmente objetos a girar; obsessão por manter as rotinas e quando estas alteram, existe uma perturbação extrema; hipersensibilidade aos estímulos ambientais, sendo que a resposta a esses estímulos pode tomar a forma de um movimento de baloiço do corpo ou de tapar os ouvidos, boa capacidade de memorização de rotinas; e ainda, uma comunicação pouco frequente (Hewitt, 2008, p. 8).

Existem, portanto, três níveis de gravidade do TEA (Transtorno do Espectro Autista), apresentados na tabela 1.

Tabela 1 - Níveis de gravidade do transtorno do espectro autista

Nível de Gravidade do TEA	Comunicação Social	Comportamentos restritos e repetitivos
Nível 3 Necessitam de Apoio Muito Substancial	<ul style="list-style-type: none"> - Problemas severos nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; - Graves limitações nas interações sociais; - Raramente responde a propostas sociais colocadas por outras pessoas e, quando responde, a resposta é curta. 	<ul style="list-style-type: none"> - Inflexibilidade de comportamento; - Extrema dificuldade em lidar com mudanças; - Sofrimento e/ou dificuldade em desviar a sua atenção dos rituais repetitivos, e quando conseguem, rapidamente retornam aos mesmos.
Nível 2 Exigem Apoio Substancial	<ul style="list-style-type: none"> - Problemas acentuados nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; - Presença de dificuldades na interação social, mesmo presença de apoio; - Limitação de interações sociais e resposta reduzida ou anormal a aberturas sociais de outros. 	<ul style="list-style-type: none"> - Inflexibilidade de comportamento; - Extrema dificuldade em lidar com mudanças; - Presença de outros comportamentos suficientes para serem detetados por qualquer pessoa e que afetam a vida da criança em vários aspetos; - Dificuldade em conseguir desviar a atenção dos interesses estabelecidos.
Nível 1 Exigem Apoio	<ul style="list-style-type: none"> - Na ausência de apoio, dificuldades na comunicação social causam prejuízos notáveis.; - Dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou sem sucesso a aberturas sociais dos outros; - Pode apresentar interesse reduzido por interações sociais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Inflexibilidade de comportamento causa interferência significativa no funcionamento num ou mais contextos; - Dificuldade em trocar de atividade; - Problemas na organização e planeamento são obstáculos à independência.

Fonte: (Golfetto, 2020)

1.4. Perturbações do Neurodesenvolvimento

As perturbações do neurodesenvolvimento (PND) são alterações neurobiológicas no desenvolvimento da criança, presentes desde o nascimento ou que se manifestam tardiamente, o que acaba por afetar a comunicação, a linguagem, a atenção, a motricidade, a socialização, o comportamento, a autonomia e a aprendizagem escolar, entre outros. As perturbações mais frequentes são a Perturbação do Espectro do Autismo, a Perturbação da Linguagem, a Perturbação de Défice de Atenção e Hiperatividade e a Perturbação da Aprendizagem.

A perturbação do espectro do autismo caracteriza-se por um défice grave e global em três áreas do desenvolvimento: perturbação na interação social, perturbação na comunicação e padrões de comportamento. A perturbação da interação social caracteriza-se pela incapacidade para desenvolver relações sociais, à qual se junta o acentuado défice no contato visual, as posturas corporais e o uso da expressão facial, a incapacidade na partilha de interesses e a reciprocidade social e emocional.

A perturbação da linguagem (PEL) é definida por um desempenho linguístico significativamente inferior relativamente ao desempenho obtido nas outras áreas do desenvolvimento psicomotor. As perturbações da linguagem dividem-se em vários tipos: expressiva, mista (recetiva-expressiva) e fonológica.

A perturbação de défice de atenção e hiperatividade (PHDA) é uma perturbação neurobiológica do desenvolvimento e comportamento na infância e na adolescência, caracterizada por dificuldade em manter a atenção, hiperatividade e impulsividade inapropriadas ao nível de desenvolvimento e idade da pessoa. As pessoas com esta condição apresentam dificuldades em concentrarem-se por períodos prolongados, em se organizarem e em persistirem nas tarefas. Estes tipos de comportamentos acabam por tornar o convívio social e escolar difíceis, prejudicando o desempenho escolar e relacionamentos sociais.

A perturbação da aprendizagem divide-se em perturbação da leitura, escrita, cálculo e mista. Para o desenvolvimento do diagnóstico desta perturbação, o desempenho nas tarefas de leitura, escrita ou cálculo, deve ser significativamente inferior ao esperado para a idade, nível de escolaridade e inteligência do indivíduo, esperando que a criança tenha sido alvo de condições de ensino apropriadas e não apresente deficiência mental ou perturbações globais do desenvolvimento.

CAPÍTULO 2: A IMAGEM FOTOGRÁFICA COMO REPRESENTAÇÃO E FERRAMENTA TERAPÊUTICA

O capítulo 2 é sobre a imagem fotográfica como representação e ferramenta terapêutica. Este capítulo fala sobre fotografia documental e a sua autenticidade e veracidade, através de exemplos de definição do que é a fotografia documental, segundo vários autores e fotógrafos.

Aborda ainda a imagem enquanto ferramenta terapêutica e os benefícios que a fotografia tem em crianças com autismo, apresentando alguns exemplos disso.

2.1. Fotografia Documental: Autenticidade e Veracidade

A fotografia nasceu da corrente do pensamento da observação da natureza, do rigor e da precisão da ciência. Então, a fotografia surgiu da vontade humana, pela obsessão da representação da natureza como meio de compreensão, estando presente a vontade de “copiar a natureza com a máxima precisão e fidelidade sem depender das habilidades de quem a realiza” (Fontcuberta, 2014, p. 21).

A fotografia documental tem como objetivo, mostrar, de forma informal, o cotidiano de pessoas comuns para outras pessoas comuns. A fotografia documental demonstra “os acontecimentos frente à câmara foram alterados o menos possível em comparação ao que teriam sido se o fotógrafo não estivesse presente” (Fontcuberta, 2014, p. 115). O que a fotografia “reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente. Nela, o acontecimento jamais se sobrepassa para outra coisa” (Barthes, 1984, p. 13).

O objetivo da fotografia documental não é apenas registrar e documentar, mas também “educar” criativamente (Bate, 2009, p. 46). No seu livro *Photography: The Key Concepts*, David Bate afirma que todas as fotografias são produzidas dentro de um próprio contexto. Segundo o autor, “os materiais de trabalho de um fotógrafo são a câmara, o computador e a impressora, sendo que todos são utilizados, dentro de um lugar e tempo sociais definidos previamente” (Bate, 2009, p. 16). Esses materiais e as escolhas que o fotógrafo exerce sobre eles, “organizam o olhar da fotografia” (Bate, 2009, p. 16). Esse contexto, é, geralmente, determinado pelas intenções do fotógrafo, mas muitas das vezes, é socialmente definido, devido às circunstâncias em que o fotógrafo está a tirar fotografias, como casamentos, batizados, trabalhos de publicidade ou jornalismo,

viagens, etc. Nestes casos, o fotógrafo pensa em fotografar o que lhe interessa, em relação ao objetivo da fotografia. O objetivo costuma ser tão óbvio para as pessoas envolvidas, que nem precisa de ser especificado. Nesse sentido, as fotografias “codificam significados, que nos fazem questionar qual é o valor de certa representação fotográfica, com finalidades históricas ou de outro tipo qualquer” (Bate, 2009, p. 16).

O gesto essencial do *Operator* (Fotógrafo) é o “de surpreender alguma coisa ou alguém”, gesto que é perfeito quando se realiza sem o sujeito fotografado tenha conhecimento dele (Barthes, 1984, p. 54). Segundo o autor, desse gesto surge o “choque” fotográfico, dando origem ao que ele chama de “surpresas”, como se existisse um “efeito surpresa” na fotografia (Barthes, 1984, p. 55). Esse efeito surpresa divide-se em cinco surpresas, a surpresa do “raro” (raridade do referente); a surpresa da reprodução de um gesto apreendido no ponto do seu trajeto em que o olho normal não pode imobilizá-lo; a surpresa da proeza; a surpresa em que o fotógrafo espera das contorções da técnica; e por último, a surpresa do achado (Barthes, 1984, p. 56). Todas essas surpresas obedecem a um princípio de desafio, e o fotógrafo, como um acrobata, deve desafiar as leis do provável ou do possível, e, em última ocasião, deve desafiar as leis do interessante, tornando a fotografia “surpreendente” a partir do momento em que não se sabe porque foi tirada (Barthes, 1984, p. 57). A fotografia, “para surpreender, fotografa o notável; mas logo, por uma inversão conhecida, ela decreta notável aquilo que ela fotografa” (Barthes, 1984, p. 57).

Uma das pontes fundamentais entre as práticas pictorialistas e documentais do século XIX e a modernidade do século XX, foi o fotógrafo americano Alfred Stieglitz, que afirmou que “a função da fotografia não consiste em oferecer prazer estético, mas em proporcionar verdades visuais sobre o mundo” (Fontcuberta, 2014, p. 10). No início do século XX, os fotógrafos documentais Lewis Hine e Jacob Riis, utilizaram a fotografia como um meio de um ato consciente de persuasão para uma agenda política, que utilizava a imagem como ferramenta social.

Lewis Hine passou grande parte da sua vida a registrar as condições precárias dos trabalhadores imigrantes nos estados Unidos e das crianças que trabalhavam em fábricas, em condições visivelmente desumanas. As fotografias de Hine estão carregadas de expressões faciais de vários rostos de trabalhadores. O fotógrafo utilizava objetivas de pequeno porte, para não chamar a atenção, especialmente quando fotografava conjuntos

de crianças. Os planos que utilizava variavam entre o plano aberto, quando pretendia contextualizar os seus objetos de fotografia, o plano médio, para fotografias em conjunto com foco nos rostos das pessoas que fotografava, e plano próximo, para fotografias individuais. Para Lewis Hine, a imagem só era real quando não existia qualquer tipo de manipulação, seja na cor ou contraste.



Imagem 1- Mill Children #440, South Carolina por Lewis Hine (1908)

Fonte: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/301920>



Imagem 2- Powerhouse Mechanic por Lewis Hine (1921)

Fonte: <https://mymodernmet.com/lewis-hine-photography/>



Imagem 3- Welders on the Empire State Building por Lewis Hine (1930)

Fonte: <https://www.moma.org/collection/works/110096>

Também Jacob Riis, fotógrafo e jornalista de documentário social dinamarquês, naturalizado norte-americano, representou um papel importante para a fotografia documental. Conhecido por usar os seus talentos fotográficos para ajudar os pobres da cidade de Nova Iorque, Riis contribuiu para a causa da reforma urbana na viragem do século XIX para o século XX. O fotógrafo trabalhou em vários jornais da época, como o *New York Evening Sun*, o *Brooklyn News* e o *New York Tribune*.

Ao mesmo tempo, percorria as ruas da cidade, com o objetivo de documentar e denunciar o modo de como a população vivia, em especial os imigrantes e as classes mais pobres. Os temas documentados por ele passam pela criminalidade, a pobreza extrema, a exiguidade habitacional, os sem-abrigo e o trabalho infantil, expondo as más condições de vida da população mais pobre às classes média e alta. Os trabalhos destes dois fotógrafos tiveram um elevado impacto na sociedade da época, possibilitando a reprodução das suas imagens em alguns meios de comunicação, como jornais, livros e revistas, aumentando assim, a publicação de trabalhos de imagens documentais. Outros fotógrafos conhecidos desse período são o escocês John Thomson (1837-1921), a americana Margaret Sanger (1879-1966) e o alemão Heinrich Zille (1858-1929).



Imagem 4- Five Cents a Spot por Jacob Riis (1890)

Fonte: <https://www.nytimes.com/2015/10/23/arts/design/jacob-riis-photographs-still-revealing-new-yorks-other-half.html>



Imagem 5- Children's Playground, Poverty Gap por Jacob Riis (1892)

Fonte: <https://www.nytimes.com/2015/10/23/arts/design/jacob-riis-photographs-still-revealing-new-yorks-other-half.html>



Imagem 6- Little Susie in Gotham Court por Jacob A. Riis (1892)

Fonte: <https://www.nytimes.com/2015/10/23/arts/design/jacob-riis-photographs-still-revealing-new-yorks-other-half.html>

Nos anos 30, destacam-se dois grandes fotógrafos como Walker Evans (1903-1975) e Dorothea Lange (1895-1965). Nos anos 50, os novos fotógrafos documentais estavam descontentes com os ideais que sustentavam a fotografia documental, começando a procurar novas formas da representação do real. O fotógrafo Henri Cartier-Bresson preconizava o ato epifânico, através da captura do momento decisivo que reunia a tensão de uma cena, fotografando a essência do acontecimento com a máxima firmeza.

Por outro lado, pode-se observar o trabalho de Robert Frank, que não se interessava em fotografar acontecimentos imediatos, nem em conseguir uma reportagem fotográfica, tal e qual como tinha acontecido. Ele procurava, a partir do cotidiano, ressaltar essa ausência do significado do objeto ou da pessoa que fotografava, algo que permitia ao público fazer as suas próprias interpretações. Robert Frank viajava pelos Estados Unidos, registrando bandeiras, estradas vazias e motociclistas, mostrando a América a partir de um ponto de vista nada convencional para a época. O resultado foi publicado no livro *Les Américains*, em 1958, na França.



Imagem 7- Parade - Hoboken, New Jersey por Robert Frank (1955)

Fonte: <https://jamesmaherphotography.com/new-york-historical-articles/the-foreigners-road-trip-robert-franks-america/>

Contudo, a distância entre as duas posturas destes fotógrafos, não conseguia negar “um ponto de consenso: a fotografia como constatação da experiência, a fotografia como evidência” (Fontcuberta, 2014, p. 47). “A verdade é um assunto acidentado; a verossimilhança, por outro lado, resulta-nos muito mais tangível e, obviamente, não é oposta à manipulação. Porque, deve-se ressaltar, não existe ato humano que não implique manipulação” (Fontcuberta, 2014, p. 117). A fotografia funciona como um testemunho, que representa algo de que ouvimos falar, mas que duvidamos, sendo algo que parece comprovado quando nos mostram uma fotografia. A fotografia “equivale a uma prova incontestável de que determinada coisa aconteceu. A foto pode distorcer; mas sempre existe o pressuposto de que algo existe, ou existiu, e era semelhante ao que está na imagem” (Sontag, 1977, p. 9).

2.2. A Imagem como Ferramenta Terapêutica

A imagem é uma das bases de grande parte da comunicação realizada entre uma criança com autismo e o terapeuta profissional que a acompanha. Este tipo de terapia é chamado de Fototerapia, ou seja, a utilização de fotografias como um instrumento terapêutico (Vieira Filho, 2021).

A técnica da fototerapia foi desenvolvida por Sigmund Freud, e, hoje em dia, é utilizada na psicanálise, em crianças com perturbações do neurodesenvolvimento, e que têm, como consequência, dificuldades cognitivas na aprendizagem. A fotografia é utilizada em terapias de desenvolvimento, o que torna a compreensão das tarefas de aprendizagem mais atrativas e eficazes, e, associada a outras técnicas, é muito utilizada por terapeutas profissionais como psicólogos e terapeutas da fala. Atualmente, existem três vertentes na fototerapia: a primeira propõe trabalhar com conjuntos de imagens previamente definidas; a segunda já utiliza fotografias selecionadas pela pessoa que as fotografou, ou de autoria de terceiros; a terceira trabalha especificamente com autorretratos corporais (Vieira Filho, 2021).

Nesta fase da pesquisa, foi importante dirigir aos professores e terapeutas do Martim, um conjunto de questões relacionadas com a importância que a imagem pode ter no contexto deste tipo terapia ([Anexo D](#)) e também para perceber como poderia melhorar a minha abordagem ao assunto. Essas perguntas foram respondidas num texto conjunto que pode ser consultado na íntegra no [Anexo E](#).

Nesse texto, o coletivo pedagógico menciona que a associação entre imagens reais e símbolos/pictogramas é bastante utilizada em terapias de desenvolvimento e aprendizagem cognitiva, o que possibilita uma comunicação mais fluída entre a criança e o terapeuta. As instruções visuais, por exemplo, a demonstração das várias etapas que mostrem como utilizar a casa de banho, permitem a autonomização da criança, para que esta desenvolva a capacidade de seguir instruções. De uma forma gradual, este processo de associar a imagem real a um símbolo/pictograma, facilitará o processo de autonomia, em diversos contextos.

Os terapeutas e educadores afirmaram ainda que fotografar as ações da própria criança pode funcionar enquanto estratégia de construção de um sistema de comunicação alternativo, pois o recurso à imagem cria um interesse maior por parte da criança, criando um estímulo que pode ajudar a promover a comunicação entre a criança e as pessoas que a rodeiam. Um sistema de comunicação através de símbolos/imagens, facilita tanto a compreensão quanto a expressão, quando se estabelece uma associação entre atividades/símbolos. Esse sistema ajuda crianças sem linguagem ou com uma linguagem não-funcional, a terem uma “voz”, ou seja, a serem ouvidos pelos outros, o que acaba por desenvolver a compreensão da comunicação, o uso da estrutura da linguagem que pode, não só, ser aplicado por todos os que rodeiam a criança, como também pode ser aplicado por qualquer criança, independentemente do seu nível de linguagem e problema cognitivo.

Assim sendo, podemos questionar sobre qual é o contributo da imagem enquanto ferramenta de terapêutica. O coletivo afirma que enquanto base de ferramenta de trabalho para crianças com perturbações do neurodesenvolvimento, mais concretamente crianças com autismo, a imagem pode servir como um contributo, facilitando a aquisição de conceitos básicos e complexos, em situações em que o nível cognitivo e linguístico da criança surge fragilizado. Sendo que a memória visual e a capacidade de associar e seguir padrões por cópia são duas das competências mais fortes de crianças no espectro autista, a utilização da imagem nas sessões de acompanhamento facilita o seu desenvolvimento. O recurso ao suporte visual é de grande relevância, pois representa grande parte das áreas mais fortes numa criança com TEA (Transtorno do Espectro Autista). De facto, a maioria das crianças apresenta alterações no processamento auditivo central, o que significa que têm dificuldade em processar a

informação auditiva, tendo por isso, dificuldade na discriminação verbal, reagindo de forma híper ou hipossensível a estímulos sonoros. Fica claro nas afirmações do coletivo pedagógico que as vantagens no uso de um suporte visual são várias, desde permitir comunicar às crianças o que vai acontecer ao longo do dia (noção de tempo), promover a realização de atividades autónomas, ensinar regras e comportamentos alternativos, promover a comunicação/linguagem, possibilitar a escolha e o “dar a vez”, permitindo à criança aprender a saber esperar pela vez dela.

As crianças que vivem com a condição do autismo, manifestam algumas diferenças significativas relativamente às suas capacidades linguísticas, em comparação às crianças sem quaisquer problemas cognitivos. Todas elas expressam problemas na comunicação, não apenas no que diz respeito à compreensão e utilização da linguagem, mas em todos os aspetos da comunicação (Folgado, 2013, p. 71). Atualmente, existem vários métodos de intervenções educativas, que tendem a proporcionar e facilitar a comunicação entre a criança com autismo e a pessoa a quem ela pretende comunicar, sendo um desses métodos o PECS.

O PECS (*Picture Exchange Communication System*) Sistema de Comunicação por troca de Figuras, é um sistema comunicação alternativo/aumentativo, desenvolvido em 1985 nos USA (Estados Unidos da América), por Andy Bondy e por Lori Frost. Foi implementado pela primeira vez com alunos da pré-escola, diagnosticados com autismo, no Programa de Autismo de Delaware. Desde então, o PECS foi implementado com sucesso em todo o mundo, com milhares de alunos de todas as idades e com vários desafios cognitivos, físicos e de comunicação. Desenvolvido com o propósito de auxiliar crianças e adultos com autismo e outros distúrbios de desenvolvimento, o seu principal objetivo é ensinar uma comunicação funcional.

Ao longo do protocolo de ensino PECS, são utilizadas estratégias específicas de ajuda e de reforço, que levarão à comunicação independente. O protocolo também inclui procedimentos sistemáticos de correção de erros, para promover a aprendizagem, caso ocorra um erro. Não são usadas ajudas verbais, forçando uma iniciativa imediata e evitando a dependência das ajudas.

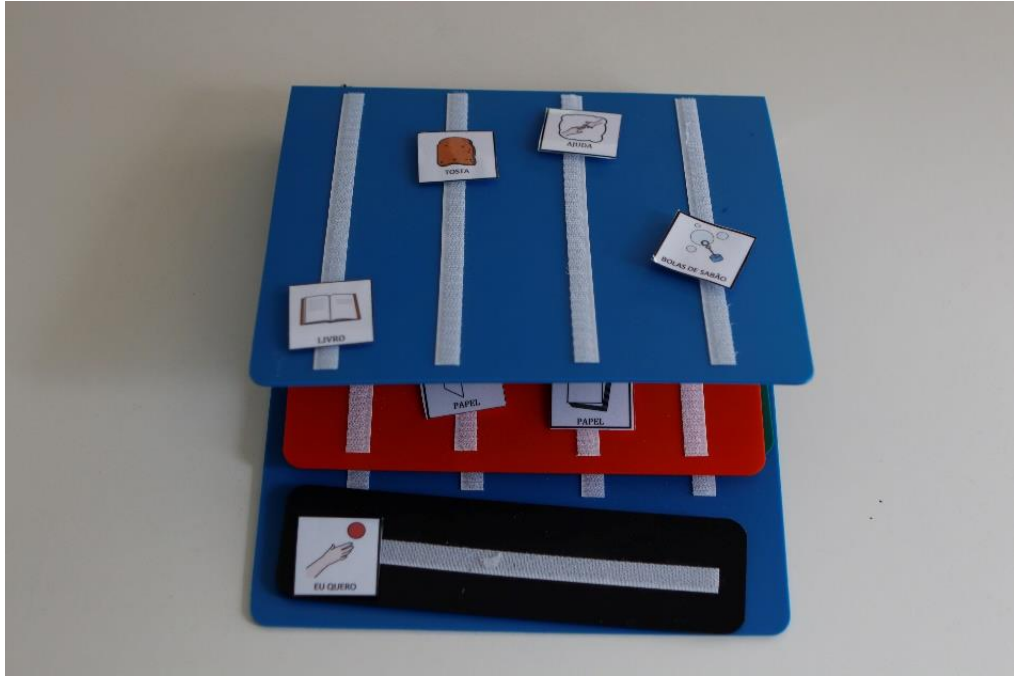


Imagem 8- Método PECS. Imagem por Rita Cortês (2023)

O método PECS caracteriza-se por ter pequenos pictogramas de objetos e ações, fazendo com que a criança escolha através do pictograma do “eu quero” (de modo a comunicar à outra pessoa o que pretende), colocando-o na mesma barra vertical, por cima do pictograma que ele pretende alcançar. Geralmente, esses pictogramas são ações e objetos do dia a dia, adequados a cada criança, como por exemplo, livro, papel, comida, ajuda, bolas de sabão, etc.

Esse método consiste em seis fases e começa por ensinar uma pessoa a dar uma única imagem de um item ou ação desejada a um “parceiro comunicativo”, que imediatamente premeia a troca como um pedido. O sistema, a seguir, ensina a discriminação de imagens e como as reunir por fases. Já em fase mais avançada, as pessoas são ensinadas a usar modificadores, a responder a perguntas e a comentá-las.

Tabela 2- As Seis Fases do PECS

FASE I
Como comunicar. Os alunos aprendem a trocar imagens individuais por itens ou atividades que desejam.
FASE II
Distância e Persistência. Utilizando ainda imagens isoladas, os alunos aprendem a generalizar esta nova competência através da sua utilização em lugares diferentes, com pessoas diferentes e a distâncias variadas. Também são ensinados a serem comunicadores mais persistentes.
FASE III
Discriminação de imagens. Os alunos aprendem a escolher entre duas ou mais imagens para pedir as suas coisas favoritas. As imagens encontram-se num Dossiê de Comunicação PECS – uma pasta de argolas com tiras autoadesivas onde as imagens estão armazenadas e de onde são facilmente retiradas para comunicar.
FASE IV
Estrutura da frase. Os alunos aprendem a construir frases simples numa tira de frase destacável usando uma imagem “Eu quero” seguida de uma imagem do item que está a ser pedido.
FASE V
Pedido por resposta. Os alunos aprendem a usar o PECS para responder a perguntas como “O que queres?”.
FASE VI
Comentar. Os alunos são ensinados a comentar, em resposta a perguntas como: “O que vês?”, “O que ouves?” e “O que é isto?”. Eles aprendem a compor frases começando por “Eu vejo”, “Eu ouço”, “Eu sinto”, “É um”, etc.

Fonte: <https://pecs-portugal.com/sistema-de-comunicacao-por-troca-de-imagens-pecs/>

Em 2018, o jornalista Michael Fraiman escreveu um artigo para a revista *PHLEARN Magazine*, intitulado *How Photography Helps a Five-Year-Old Boy with Autism Understand the World* (2018). O artigo aborda uma entrevista entre o jornalista e Danielle Pritchard, uma australiana, que tem o seu filho Max, no espectro do autismo. Em 2017, numa reunião familiar, Max, com apenas quatro anos, estava um pouco inquieto, então ela deu-lhe para as mãos uma câmara fotográfica Canon DSLR, o que o fez logo mudar de atitude, ficando fascinado por ela. Danielle Pritchard, mãe de Max, afirma que ao lhe ter dado da câmara fotográfica, deu-lhe um pouco de propósito e uma sensação de posse, o que nunca tinha acontecido até ao momento. Pritchard contou a Fraiman que o autismo de Max não é perceptível inicialmente, mas que ele tem problemas em socializar e em controlar as suas emoções, e fica facilmente incomodado com barulhos, visões ou cheiros (Fraiman, 2018). Com a câmara nas mãos, Max tornou-se mais confiante, e no seu primeiro contato com a fotografia, na reunião familiar, ele começou a fotografar diversos cenários e familiares.



Imagem 9- Max explora a sua cozinha (Data desconhecida)

Fonte: <https://phlearn.com/magazine/how-photography-helps-a-five-year-old-boy-with-autism-understand-the-world/>

Desde então, Pritchard e Max fazem longos passeios fotográficos, que o ajudam a envolver-se melhor com o mundo em seu redor, tornando-o mais curioso e falador, o que faculta uma comunicação mais fluente entre ambos (Fraiman, 2018). Para Max, a fotografia é uma análise do mundo bem como uma das suas interações sociais, abrindo-lhe a comunicação, através da utilização da câmara fotográfica, como meio de abordagem para conversar com outras pessoas.



Imagem 10- Max explora a sua casa (Data desconhecida)

Fonte: <https://phlearn.com/magazine/how-photography-helps-a-five-year-old-boy-with-autism-understand-the-world/>

Nas fotografias tiradas por Max, podemos tentar observar a diferente forma como ele olha para o que o rodeia, como por exemplo, na imagem 9 e na imagem 11. Na imagem 9, podemos observar o local representado na fotografia, uma cozinha onde está uma banca com loiça empilhada. Talvez pela forma como a loiça estava empilhada e organizada, podemos nos questionar se foi isso que provavelmente atraiu Max para fazer essa imagem. A imagem 11, por outro lado, já apresenta um envolvimento de Max com as pessoas que o rodeiam, que no caso desta fotografia, é Scarlet, uma menina amiga dele.

As imagens são o meio de comunicação ao qual Max recorre, numa tentativa de se exprimir e de tentar compreender o mundo que o rodeia, reforçando a sua comunicação com as pessoas que o rodeiam.

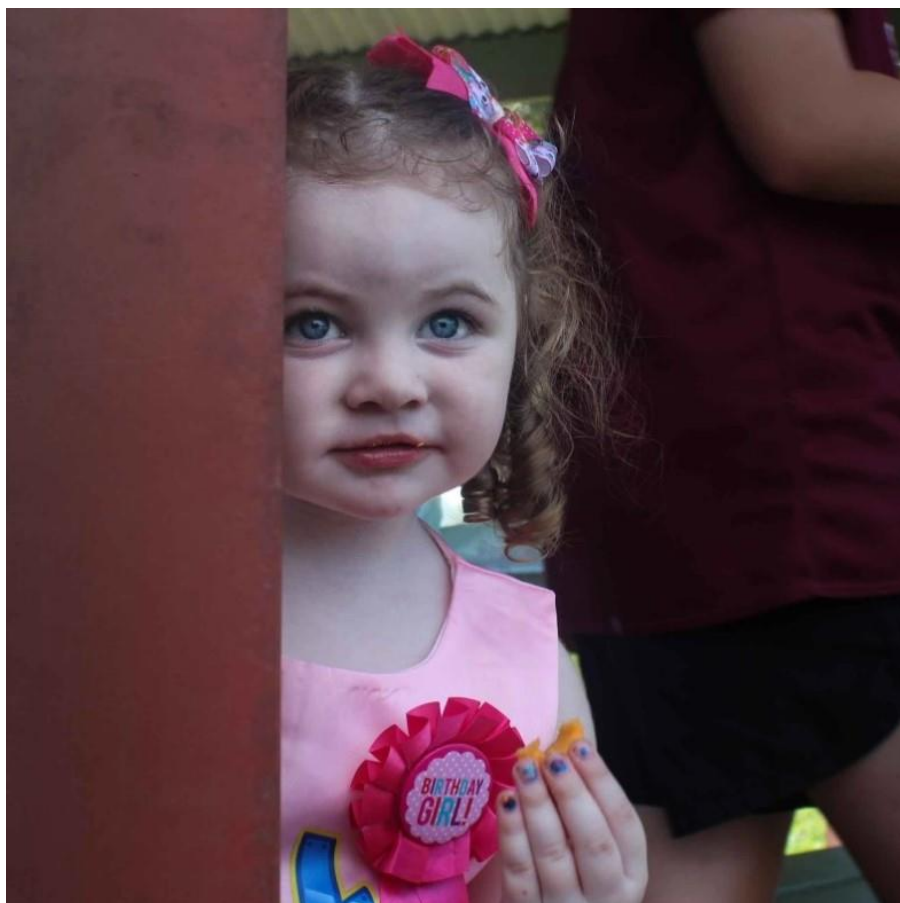


Imagem 11- Scarlet, amiga de Max (Data desconhecida)

Fonte: <https://phlearn.com/magazine/how-photography-helps-a-five-year-old-boy-with-autism-understand-the-world/>

2.3. Benefícios da Fotografia em Crianças com Autismo

A fotografia pode ajudar crianças com autismo no desenvolvimento da comunicação verbal, nomeadamente com outras crianças ou adultos que os rodeiem diariamente, acabando por fortalecer a comunicação entre ambos. A professora Jennifer Sullivan, no seu artigo *4 Benefits of Photography for Autistic Students* (2018), afirma que tem trabalhado nos últimos anos, a fotografia em crianças com autismo, e que isso tem vindo a melhorar a sua participação, proporcionando aos alunos com autismo uma disciplina acessível e permite-lhes participar de uma forma ativa e inclusiva, em conjunto com os restantes colegas da turma. A fotografia pode ser uma forma inovadora de ajudar os alunos com deficiência, em particular alunos dentro do espectro do autismo, ajudando-os a apreciar e a destacar as suas perspetivas criativas.

A fotografia permite o acesso ao envolvimento de uma ideia intencional, social e focada em tarefas concretas, mas a arte pode ser intimidante para crianças com autismo,

que têm tendência para preferir a rigidez, a estrutura e as definições claras de um trabalho concreto. Jennifer Sullivan, para ajudar os seus alunos a se sentirem mais confortáveis com a arte e a fotografia, ela modela o seu processo criativo, através da verbalização dos seus pensamentos e do processo de reflexão, de forma a transmitir aos seus alunos que existe flexibilidade no processo de tomada de decisão, de como escolhe ou quando os assuntos que quer fotografar. Após isso, Sullivan também demonstra como apresentar oralmente e explicar as suas imagens aos seus alunos, afirmando que “falar em público é uma habilidade que conecta os alunos, e praticá-la permite que os alunos autistas interajam socialmente e falem diretamente com os seus colegas” (Sullivan, 2018).

De acordo com Jennifer Sullivan, existem quatro benefícios que a fotografia representa para alunos com autismo, estando eles seguidamente descritos. O primeiro é que a fotografia incentiva a independência, sendo que muitos alunos autistas passam por desafios diários para socializarem com os seus colegas, tal como o reconhecimento da linguagem corporal e de expressões faciais. Essas crianças que têm dificuldades na capacidade de interação com os colegas e na realização de trabalhos em grupo, têm a oportunidade de trabalhar individualmente, optando por projetos de fotografia (Sullivan, 2018).

O segundo são as perspetivas únicas e criativas, que são valorizadas e empoderadas, ou seja, a fotografia, enquanto arte, trata o uso de ferramentas amplamente disponíveis para a captura de algo único e original, algo que outras pessoas com as mesmas ferramentas negligenciam. As pessoas com autismo, especialmente crianças, têm uma força nesta área, devido aos seus pensamentos fora da caixa e perspetivas únicas do seu olhar (Sullivan, 2018).

O terceiro benefício que a fotógrafa refere é que os alunos adquirem uma maior flexibilidade no seu pensamento. Uma das formas que ela utiliza de modo a envolver os seus alunos com a fotografia, é pedir-lhes para tirarem uma fotografia com base na sua própria definição de beleza, dando-lhes a oportunidade de captarem uma imagem na escola ou na sua própria casa, de algo que eles consideram bonito, não descuidando a sua privacidade. Desta forma, os alunos aprendem que existem várias formas do que pode ser considerado bonito, através do conhecimento das variadas perspetivas dos colegas de turma (Sullivan, 2018).

Por fim, o quarto e último benefício da fotografia em alunos com autismo é que lhes permite melhorar a sua comunicação, compartilhando as suas fotografias com os restantes colegas da turma. A professora e fotógrafa Jennifer Sullivan pede aos seus alunos para escreverem uma reflexão, não só escrita, como também oral. Sullivan afirma ainda que acredita que “a arte e a fotografia podem envolver alunos que, de outra forma, podem não se sentir incluídos ou inspirados pela educação” (Sullivan, 2018).

CAPÍTULO 3: OLHARES FOTOGRÁFICOS SOBRE O AUTISMO

O capítulo 3 refere três projetos fotográficos relacionados com o espectro do autismo, que têm em comum terem sido realizados pelos próprios pais que também são fotógrafos. Todos os projetos apresentam imagens de três crianças que foram fotografadas durante uma parte da sua infância.

Estes projetos fotográficos transmitem algum conhecimento a quem não está dentro da condição do autismo, conhecimento esse que é projetado em websites e redes sociais, como o Instagram.

3.1. *Echolilia, Sometimes I Wonder*, de Timothy Archibald

Timothy Archibald é um fotógrafo americano, que desenvolveu um projeto fotográfico sobre o autismo, designado por *Echolilia, Sometimes I Wonder*. Criado devido às dificuldades que o fotógrafo enfrentava ao tentar relacionar-se com o seu filho, portador de TEA (Transtorno do Espectro Autista), o projeto foi uma tentativa de resposta para o fotógrafo entender melhor a condição do filho e criar, de certa forma, um meio de comunicação com ele.

Quando Archibald iniciou o projeto em questão, o seu filho não entendia o porquê de o pai o fotografar, mas com o passar do tempo, passou a aceitar melhor. Segundo o fotógrafo, o trabalho pretendia retratar o seu filho exatamente como ele é, sendo que nenhuma das imagens foi planeada, visto que o seu filho, Eli, rapidamente se cansa da tarefa que está a realizar, procurando rapidamente outras ocupações (Barbosa, 2013). O projeto *Echolilia* acabou por convergir no fotolivro *Echolilia: Sometimes I Wonder*.

Através das imagens de Timothy Archibald, podemos ter uma pequena noção de alguns dos comportamentos que apresentam as crianças com autismo. Em todas estas

imagens, é como se pudéssemos sentir a frustração e zanga da parte de Eli, tal como demonstram as imagens 12 e 15. Por outro lado, pode ser observada uma imagem com 2 bilhetes escritos por Eli, que demonstra visivelmente o que ele sentiu no momento em que os escreveu, tal como demonstra a imagem 16.

Para além da visível frustração, este projeto aborda ainda imagens nas quais o filho de Archibald, Eli, está a interagir com dois objetos diários, um funil e o tubo de um aspirador, representados nas imagens 13 e 14, respetivamente. Estas duas fotografias, demonstram que Eli não tem a noção real para que servem aqueles objetos, sendo isso uma das características do autismo.



Imagem 12- Echolilia- Sometimes I Wonder por Timothy Archibald (2010)

Fonte: <https://www.timothyarchibald.com/personal-projects/echolilia/thumbs>



Imagem 13- Echolilia- Sometimes I Wonder por Timothy Archibald (2010)

Fonte: <https://www.timothyarchibald.com/personal-projects/echolilia/thumbs>



Imagem 14- Echolilia- Sometimes I Wonder por Timothy Archibald (2010)

Fonte: <https://www.timothyarchibald.com/personal-projects/echolilia/thumbs>



Imagem 15- Echolilia- Sometimes I Wonder por Timothy Archibald (2010)

Fonte: <https://www.timothyarchibald.com/personal-projects/echolilia/thumbs>

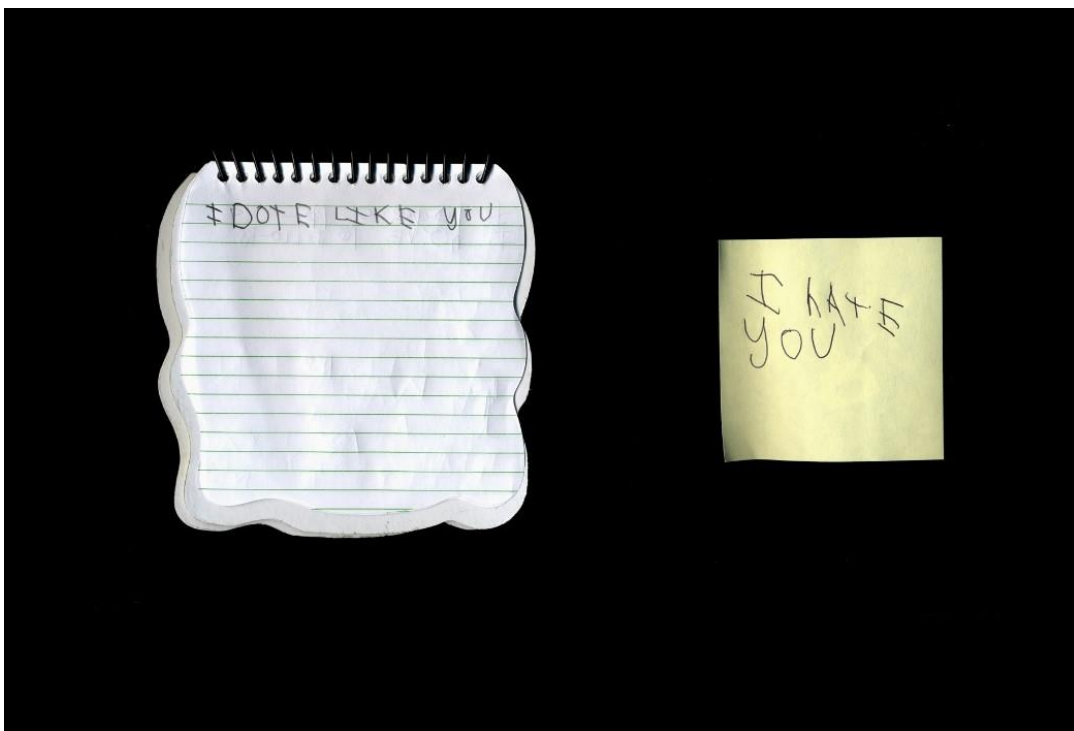


Imagem 16- Echolilia- Sometimes I Wonder por Timothy Archibald (2010)

Fonte: <https://www.timothyarchibald.com/personal-projects/echolilia/thumbs>

3.2. *Look Me in the Lens*, de Kate Miller-Wilson

Kate Miller-Wilson é uma escritora, editora e fotógrafa americana, que criou um projeto fotográfico sobre um dos seus filhos, um rapaz que vive com a condição do autismo. O projeto *Look Me in the Lens* foi realizado entre 2015 e 2017, quando o filho tinha entre 8 a 10 anos de idade. A fotógrafa pretendia com este projeto, demonstrar como é a vida, enquanto mãe de um rapaz de 10 anos, que vive com esta condição.

Numa entrevista a Michael Zhang, fundador e editor da PetaPixel, uma revista online sobre coisas relacionadas com fotografia, Kate Miller-Wilson admite que ser mãe de uma criança com autismo pode ser isolador, admitindo ser uma perspetiva única e frustrante, mas ao mesmo tempo bonita (Zhang, 2017). A fotógrafa sentiu necessidade de iniciar um projeto sobre o autismo do seu filho, numa tentativa de se conectar com outras pessoas que se sentissem da mesma maneira que ela. Mas, por outro lado, também pretendia transmitir algumas das particularidades do transtorno do espectro autista e da sua experiência enquanto mãe (Zhang, 2017). A fotógrafa Kate Miller-Wilson conta, numa entrevista a Michael Zhang, não haver “um nome para a mistura de frustração, tristeza, alegria e solidão. No entanto, um bom retrato tem a ver com transmitir emoção”, especialmente uma emoção que é composta por diversos sentimentos. Ela acredita que as suas imagens lhe permitem transmitir coisas às pessoas que as palavras não conseguem, mas que espera conseguir através das suas imagens.

O projeto *Look Me in the Lens*, de Kate Miller-Wilson, é um bom exemplo de uma criança com autismo, que neste caso, é filho da autora. Tal como mostra a imagem 17, onde está uma criança a correr pelo campo, e a imagem 19, em que ele está parado no exterior, no meio da natureza a olhar para o céu, estas duas imagens revelam que ele tem contato forte com a natureza. Além disso, as imagens 20 e 21, demonstram essa ligação com a natureza, demonstrando que ele gosta de ficar a olhar pela janela, observando o mundo exterior e a natureza.

Outra coisa que caracteriza este trabalho de Kate Miller-Wilson, é a utilização da técnica do reflexo, algo que me interessou seguir no meu projeto. Este projeto fotográfico, retrata apenas uma pequena percentagem do que é visualmente o autismo, através de imagens com grande impacto visual.



Imagem 17- I can almost reach you por Kate Miller-Wilson (2015)

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/7745595@N05/albums/72157671346825594>



Imagem 18- The other you, the one who sees me por Kate Miller-Wilson (2016)

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/7745595@N05/albums/72157671346825594>



Imagem 19- First spring storm por Kate Miller-Wilson (2017)

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/7745595@N05/albums/72157671346825594>



Imagem 20- Everything is an instrument por Kate Miller-Wilson (2017)

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/7745595@N05/albums/72157671346825594>



Imagem 21- School Day Sunrise por Kate Miller-Wilson (2017)

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/7745595@N05/albums/72157671346825594>

3.3. August, de Ashleigh Raddatz

Ashleigh Raddatz é uma fotógrafa americana, que vive na Alemanha desde os 31 anos. O seu filho August, atualmente com 11 anos, foi diagnosticado com autismo aos três anos de idade, durante um check-up feito pelo seu pediatra. O pediatra suspeitou que August se encontrava dentro do espectro do autismo, devido a alguns dos seus comportamentos, como o fato do atraso na fala, pela sua obsessão em brincar com a maçaneta da porta durante três horas seguidas, a maneira de como ele apontava para as coisas e o facto de acharem que August poderia ser surdo, fez o pediatra suspeitar de autismo.

De forma a tentar compreender qual era o significado de autismo, Ashleigh Raddatz criou o projeto fotográfico chamado de *August*, onde documenta o seu ritmo, a sua rotina diária, os seus esforços e as suas conquistas. Embora seja fotógrafa, Ashleigh afirma que partilhar este projeto não foi fácil para ela, mas que, ao mesmo tempo, sabia que precisava de o fazer, para tentar ajudar mais gente a entender o que é o espectro autista.

O projeto de Ashleigh é uma pequena demonstração fotográfica desta condição num contexto da intimidade do seu filho. Nas seguintes imagens, podemos observar o dilema e luta constante de uma criança com autismo e do que ela sente diariamente, tal como retratam as imagens 22 e 23. Nelas, podemos ver o filho da fotógrafa, sozinho na sua cama, como se estivesse perdido no próprio pensamento, como na imagem 22, ou deitado entretido a brincar sozinho com as próprias mãos, como mostra a imagem 23. Estas duas imagens poderão representar uma grande maioria das crianças nesta condição: uma tendência para o isolamento e a preferência por brincarem sozinhas.

Na imagem 24, podemos observar August a esconder o seu rosto na rua, o que pode indicar que estava a passar por um mau momento ou a sentir-se triste e em baixo. Em contraste, podemos ver na imagem 25, onde se encontra August a andar de baloiço, o que indica que estava feliz e aproveitar o momento ao máximo.



Imagem 22- August por Ashleigh Raddatz (2017)

Fonte: <https://revistacrescer.globo.com/Crianças/Saúde/noticia/2017/03/mae-registra-cotidiano-de-filho-autista-e-cria-ensaio-fotografico.html>



Imagem 23- August a brincar sozinho por Ashleigh Raddatz (2017)

Fonte: <https://revistacrescer.globo.com/Crianças/Saude/noticia/2017/03/mae-registra-cotidiano-de-filho-autista-e-cria-ensaio-fotografico.html>



Imagem 24- August na rua, a esconder o rosto por Ashleigh Raddatz (2017)

Fonte: <https://revistacrescer.globo.com/Crianças/Saude/noticia/2017/03/mae-registra-cotidiano-de-filho-autista-e-cria-ensaio-fotografico.html>



Imagem 25- August, 5 anos, a andar de baloiço por Ashleigh Raddatz (2017)

Fonte: <https://revistacrescer.globo.com/Crianças/Saude/noticia/2017/03/mae-registra-cotidiano-de-filho-autista-e-cria-ensaio-fotografico.html>



Imagem 26- August com o irmão por Ashleigh Raddatz (2017)

Fonte: <https://revistacrescer.globo.com/Crianças/Saude/noticia/2017/03/mae-registra-cotidiano-de-filho-autista-e-cria-ensaio-fotografico.html>

PARTE 2 – PROJETO FOTOGRÁFICO “MARTIM- UM OLHAR FOTOGRÁFICO SOBRE O AUTISMO INFANTIL”

CAPÍTULO 4: METODOLOGIA DA ABORDAGEM PRÁTICA

O capítulo 4 apresenta a metodologia de abordagem prática, respetivamente as condições e autorizações dos locais fotografados e tudo o que as envolve, as considerações éticas do projeto relacionadas com as preocupações que a autora teve ao longo do projeto, e o equipamento utilizado para a realização do mesmo, justificando as escolhas utilizadas.

Este capítulo aborda ainda o cronograma do projeto e o respetivo orçamento, as escolhas fotográficas fundamentadas, e o processo de edição e pós-produção, que fala sobre a escolha e seleção de imagens, bem como a sua respetiva edição no programa do Adobe Camera Raw.

4.1. Condições e Autorizações dos Locais Fotografados

Para a concretização deste projeto, foram necessárias as respetivas autorizações legais por escrito, como a autorização do diretor do Agrupamento de Escolas de Tondela Tomaz Ribeiro, ao qual pertence a escola do Martim, a Escola Básica do 1º ciclo de Campo de Besteiros, autorização que se encontra no [Anexo A](#).

Para esse propósito, a autora teve uma reunião presencial com o atual diretor do agrupamento, na qual explicou de uma forma mais detalhada o seu projeto, o que pretendia e como o iria fazer. Nessa reunião, ficou esclarecido que a autora não iria comprometer a imagem de outras crianças, a não ser que tivesse a devida autorização, tal como ocorreu posteriormente, em relação a dois colegas do Martim.

Para além disso, foi ainda necessário pedir autorização por escrito aos pais do Martim, de modo a autorizarem que ele fosse fotografado, após explicação no âmbito do contexto do projeto, tal como mostra o [Anexo B](#).

4.2. Considerações Éticas do Projeto

Na primeira reunião presencial com os professores e terapeutas que acompanham o Martim na escola, foram abordadas e acordadas várias questões sobre as considerações éticas do projeto em questão. A autora do mesmo foi autorizada a realizar

o acompanhamento semanal, mais concretamente, um dia por semana (quintas-feiras), durante um período de 20 a 30 minutos, durante cada sessão das terapias individuais.

Para além disso, nessa primeira reunião, a autora foi questionada se pretendia fazer esse acompanhamento semanal dentro da sala de aula de ensino regulado, para observar o comportamento do Martim junto com os colegas de turma. Posto isso, fui convidada a assistir a uma aula em sala, durante uma sessão de 20 minutos. Depois disso o convite estendeu-se a todas as semanas seguintes, onde foi fornecida a autorização não só para assistir, mas também para captar imagens do Martim dentro da sala, a realizar atividades de aprendizagem a ele adequadas. Essa observação permitiu à autora adquirir um melhor conhecimento sobre os comportamentos do Martim dentro da sala de aula, acabando por ver como ele reagia aos estímulos auditivos, nomeadamente o barulho dos colegas. Essas sessões também permitiram fazer pequenos registos fotográficos das atividades desenvolvidas pelo Martim, dentro da sala de aula.

Inicialmente, foi decidido pela autora, em conjunto com os professores do Martim, que não seria feito nenhum registo fotográfico de outras crianças além do Martim, onde a autora se comprometeu com o acordado. Essa situação foi sofrendo alterações ao longo do desenvolvimento do projeto, sendo que se acabaram por fazer alguns registos fotográficos da interação do Martim com alguns dos seus colegas de turma. Essas crianças tinham a autorização dos pais para puderem ser fotografadas, caso a autora do projeto o entendesse, tal como foi informada pelos professores responsáveis. Todos os restantes registos fotográficos foram captados com todo o cuidado, de modo a não comprometer a privacidade das restantes crianças envolvidas.

4.3. Equipamento

Canon M50 Mark II

Objetivas: Canon EF 50mm f/1.8 STM; Canon EF 24-70mm f/2.8

Adaptador de Suporte EF-EOS M

Tripé Manfrotto

Tripé Hama Star 63

Computador Lenovo ideapad GAMING

Suite de pós-produção da ESMAD, com Monitor auto-calibrável da EIZO e computador MacPro da Apple

O equipamento utilizado na realização do projeto foi definido tendo em conta as características do próprio projeto. A escolha da câmara Canon M50 Mark II, com um Sensor APS-C de 24,1 megapixels, deve-se ao fato de ser o equipamento que a autora dispõe e com a qual está mais acostumada. Esta câmara, para além de produzir ficheiros com a dimensão que interessava ao projeto, é discreta na sua dimensão, o que sustenta a preocupação de não utilizar um equipamento que fosse muito perturbador da rotina e do bem-estar do Martim.

A escolha da objetiva Canon EF 50mm f/1.8 STM tem uma distância focal que, em conjunto com a dimensão deste sensor (APS-C), é ótima pela relação de proporção que estabelece entre as pessoas e o contexto envolvente. É também adequada para ambientes mais escuros, tirando partido da luz disponível em cada local fotografado. Além disso, a tecnologia STM que a objetiva dispõe, proporciona uma focagem rápida em cada disparo, algo que permite reações mais rápidas a situações menos previsíveis. Além da objetiva Canon EF 50mm f/1.8 STM, foi também utilizada a Canon EF 24-70mm f/2.8, que permitiu fotografar sem tripé em condições com pouca luz. Tendo uma abertura fixa, permite o maior controlo sobre a profundidade de campo. Esta objetiva é também uma boa escolha para fotografia de pessoas, entre outras. O adaptador de suporte EF-EOS M foi fundamental, para poder utilizar a objetiva escolhida na câmara Canon M50 Mark II, que tem o encaixe para objetivas M.

A escolha dos tripés foi fundamental para fornecer uma melhor estabilidade à própria câmara, de modo a prejudicar o mínimo possível as fotografias. Ao longo do projeto, foram utilizados dois tripés distintos, um tripé da marca Manfrotto, que tem ótimas capacidades de estabilização e fácil manuseamento, e o tripé Hama Star 63, que foi utilizado com mais frequência, por ser material próprio da autora. Ambos foram utilizados em espaços exteriores e em espaços interiores.

A pós-produção das imagens foi feita numa suite de pós-produção da ESMAD, num computador MacPro da Apple e num monitor auto-calibrável da EIZO. A velocidade de processamento do computador utilizado, permitiu o aumento da produtividade e estabelecer comparações entre várias imagens, sem que isso representasse um problema ao nível do processamento do computador, coisa que o meu computador pessoal não consegue fazer. A utilização do monitor calibrado foi fundamental, pois permitiu ter uma

ideia fidedigna do que seriam as imagens quando impressas, e acabou por ajudar também a estabelecer o contato mais informado e seguro com as casas de impressão.

4.4. Cronograma e Orçamento Final do Projeto

O cronograma do projeto facilitou na organização geral das tarefas realizadas e está dividido em três fases: pré-produção, produção e pós-produção. No cronograma, tal como demonstra o [Anexo C](#), são apresentados os meses de trabalho do projeto, desde o início, em outubro de 2022, até ao final do projeto, em julho de 2023, bem como a descrição das tarefas que foram feitas em cada mês, ao longo do ano letivo 2022/2023.

A primeira fase, relativa à pré-produção, teve início em outubro de 2022 e estendeu-se até janeiro de 2023. Esta fase inicial foi sobretudo dedicada à realização do projeto, e respetiva apresentação e entrega. Nela, foi realizada a pesquisa sobre o tema principal do projeto, o autismo, na qual foi feita a leitura e a respetiva recolha de informação, para a fundamentação teórica. Com a pesquisa de autores e artistas que abordam esta temática, foi iniciada a base da estruturação do ensaio teórico.

Ainda neste momento, no mês de dezembro, deu-se início ao pedido das autorizações necessárias para a realização do projeto, para que este pudesse arrancar o mais rapidamente possível, após as festividades do natal e ano novo. A transição da fase da pré-produção para a fase de produção aconteceu em janeiro, depois de reunidas e assinadas as autorizações necessárias.

A segunda fase ocorre entre meados de janeiro e meados de abril. É o período onde se deu início à parte prática do projeto e também o começo e desenvolvimento da componente teórica. O mês de fevereiro marca a data inicial em que se começou a fotografar, em concreto na terapia com cavalos, e também a altura do primeiro contato direto com a escola do Martim, onde houve uma primeira reunião com os professores responsáveis e envolvidos. Em março, começou-se a fotografar na escola, e no final do mês, foi feita uma primeira seleção e escolha de imagens, do que tinha sido fotografado até à altura. O desenvolvimento da escrita da componente teórica continuou a ser desenvolvida.

A terceira fase, relativa à edição e pós-produção do projeto prático, iniciou-se em maio e terminou em julho. Aqui, continuou a desenvolver-se a escrita do ensaio teórico, que passou por constantes alterações estruturais. Os meses de março e abril,

foram os mais intensos na realização do projeto prático, a fotografar nos vários locais selecionados. As imagens produzidas nesta fase, foram essenciais para o desenvolvimento do projeto fotográfico. Com elas, foi possível conhecer e depois selecionar os locais e o que me interessava continuar a fotografar.

No mês de maio, terminei de fotografar e passei para uma seleção final de imagens, para dar início à edição e pós-produção das mesmas. Ao mesmo tempo, começaram a ser realizados estudos em papel para o livro de fotografia, e depois estudos digitais. Tendo a pós-produção das imagens terminado, o foco de trabalho virou-se para o livro e para a escrita final do ensaio teórico. Na fase final, foram também feitos vários testes de impressão, e trabalhou-se na produção final do livro de fotografia. Nesta última fase, foi feita a revisão final do ensaio teórico, tendo prosseguido para a entrega final do projeto, teórico e prático. A parte prática do fotolivro ainda poderá sofrer alterações até à data da defesa pública, que se realizará no mês de setembro.

O orçamento do projeto, diz respeito às despesas totais do mesmo, desde despesas de deslocação, custos dos testes de impressão e da produção do fotolivro. Nas despesas de deslocação, estão incluídas as viagens realizadas entre Vila do Conde e Porto, entre Porto e Viseu, e entre Viseu, Tondela e Santa Comba Dão.

Viagens – 250€

Alimentação – 100€

Testes de impressão – 90€

Impressões teste do livro – 80 €

Livro de fotografia final – 60€

Encadernação – 15 €

Total= 595€

4.5. Escolhas Fotográficas

A primeira sessão de acompanhamento na escola, serviu apenas para ver como era a rotina do Martim e também para perceber qual era a dinâmica escolar a que ele estava sujeito diariamente. Não foram registadas imagens.

Após a primeira sessão, começou o trabalho fotográfico e foram feitas várias visitas, durante todas as quintas-feiras de cada semana, desde o início de março até ao início de maio. Durante o tempo que fotografei e acompanhei o Martim, ele nunca se demonstrou incomodado ou preocupado com a minha presença, não alterando de nenhuma forma o seu comportamento, não prejudicando a sua rotina nem a sua aprendizagem escolar. Ao longo desse acompanhamento, foi-me possível testemunhar através da minha observação, o seu desenvolvimento quer a nível escolar, como a nível pessoal e ao nível de relação com as pessoas que o rodeiam.

As escolhas fotográficas são essenciais e relevantes para a realização prática de um projeto fotográfico. Essas escolhas basearam-se em critérios definidos e suportados essencialmente naquilo que é o significado da fotografia documental e tudo o que ela implica, respeitando sempre, e a cima de tudo, os acontecimentos tal e qual como aconteciam, sempre que fotografava. Para além de ter como condicionante o acompanhamento semanal, os critérios são um guia para as escolhas dos ambientes luminosos e da escolha das objetivas utilizadas, aproveitando o mais possível a luz natural em cada ambiente. Esses critérios passaram pela definição dos locais onde se iria fotografar (escola, casa e terapias), as condições de iluminação (luz natural ou luz artificial), o registo de objetos de fins terapêuticos e objetos com que o Martim brinca. Existe ainda a questão do porquê da proximidade entre mim, enquanto fotógrafa, e o Martim, não interferindo nos acontecimentos sucedidos.

No que diz respeito à luz artificial, foi apenas utilizada em ambientes com pouca luz natural disponível, como aconteceu em alguns dos espaços interiores na casa da mãe, tal como mostram as imagens 27, 28, 29, 30 e 31, sem qualquer intervenção de pós-produção.



Imagem 27- Espaço interior sala por Rita Cortês (2023)



Imagem 28- Martim abraçado ao braço do sofá por Rita Cortês (2023)



Imagem 29- Hora do lanche por Rita Cortês (2023)



Imagem 30- Hora do lanche por Rita Cortês (2023)



Imagem 31- Mesa de refeições por Rita Cortês (2023)

Os locais nos quais se iria fotografar foi outro critério definido no início deste projeto, onde ficou decidido que se iria fotografar em espaços interiores e em espaços exteriores. Posto isso, nas imagens a seguir apresentadas, podem ser vistos alguns espaços interiores e espaços exteriores, que serviram de base para fornecer não só o contexto geral no qual vive o Martim, como também para criar uma dinâmica e diversidade ao projeto, através da representação dos variados contextos, situações e reações do Martim.

Neste projeto, as fotografias de objetos e as fotografias de interação do Martim com os objetos são essenciais, porque fornecem um maior contexto sobre o quão importantes estes objetos são para o Martim. Tal como todas as crianças no espectro do autismo, o Martim tem a constante necessidade de procurar sempre algo para ocupar as mãos, como por exemplo paus ou brinquedos. Seguidamente, são apresentadas algumas fotografias de objetos, como demonstram as imagens 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38 e 39.



Imagem 32- Carrinho de brincar por Rita Cortês (2023)



Imagem 33- Martim no recreio por Rita Cortês (2023)



Imagem 34- Hora de almoço no refeitório da escola por Rita Cortês (2023)



Imagem 35- Martim no recreio por Rita Cortês (2023)



Imagem 36- Martim a brincar com paus na sala de aula por Rita Cortês (2023)

Estes objetos parecem funcionar como uma terapia de relaxamento após os momentos difíceis, como por exemplo quando ele é contrariado e faz coisas que não quer, mas que tem de fazer, como os exercícios na escola e a terapia. O facto de ter objetos nas mãos e de os conseguir manipular, faz com que, de certa forma, ele se acalme e se foque de novo para realizar essas mesmas tarefas. Nesse contexto, os objetos e os jogos terapêuticos têm uma grande importância e significado para o Martim.

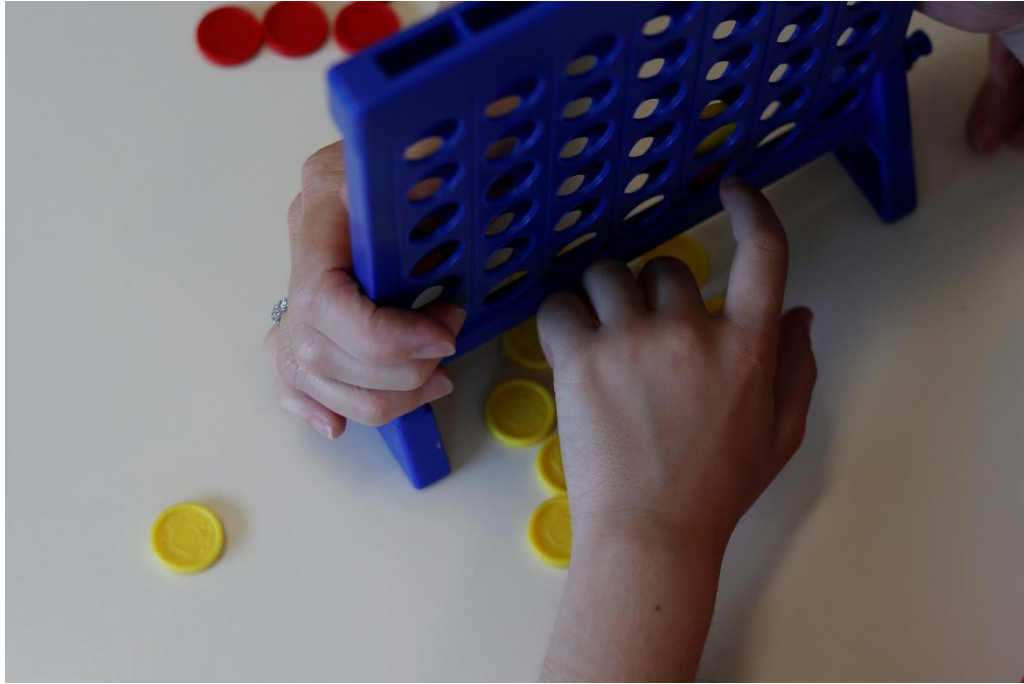


Imagem 37- Exercício na terapia ocupacional por Rita Cortês (2023)



Imagem 38- Jogo educativo por Rita Cortês (2023)



Imagem 39- Martim na terapia ocupacional por Rita Cortês (2023)

4.6. O Processo de Seleção, Edição e Pós-Produção

O processo de seleção das imagens foi longo, cuidado e alvo de constante reflexão. Teve início no final de fevereiro e terminou no início de maio. Logo após as primeiras vezes que se fotografou, foi criado um método de organização geral, que consistiu em separar as imagens em pastas individuais, em que cada uma delas representasse cada local onde se fotografava, ou seja, o local da terapia dos cavalos, a escola, o local da terapia ocupacional, a casa do pai e a casa da mãe. Dentro de cada pasta correspondente a cada local onde se fotografou, foram criadas várias pastas relativas às suas respetivas datas.

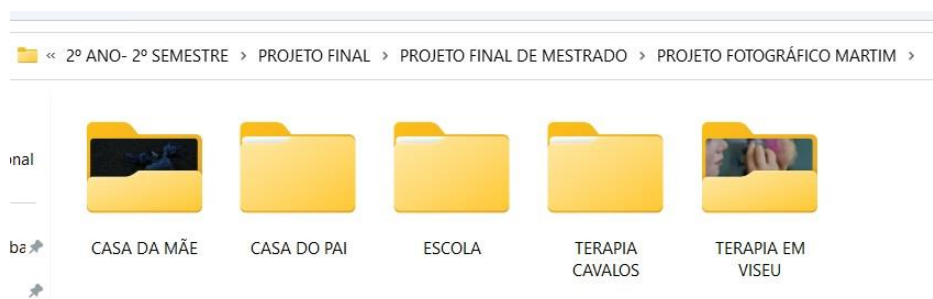


Imagem 40- Pastas organizadas dos locais onde se fotografou por Rita Cortês (2023)

No período entre fevereiro e maio, foram feitas várias seleções fotográficas, das quais resultaram um conjunto imagens, que deu origem à seleção final de imagens, tal como demonstra a imagem 41, onde se encontram os ficheiros Raw (CR3) e respetivos JPG.

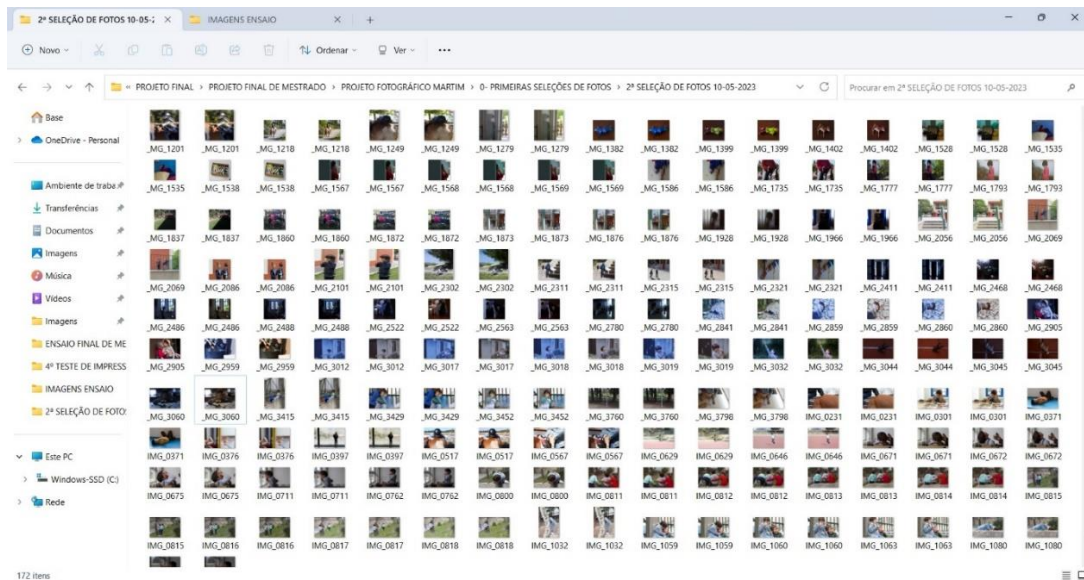


Imagem 41- Pasta da seleção final de imagens por Rita Cortês (2023)

Com a seleção final de imagens fechada, deu-se início à pós-produção de cada uma delas, utilizando o programa Adobe Camera Raw, que permite editar imagens em ficheiros Raw, no Adobe Photoshop 2022. De modo a dar coerência à edição, foi criado o perfil da câmara Canon EOS M50 Mark II, utilizada na captação das imagens.

Em seguida, procedeu-se aos ajustes gerais em todas as imagens, nos parâmetros da geometria, óptica e saturação, o que tornou a composição mais equilibrada. No parâmetro da geometria, foi feito o alinhamento das linhas verticais, nas imagens com linhas verticais presentes, e o alinhamento das linhas horizontais, nas respetivas imagens com linhas horizontais visíveis. No parâmetro da óptica, foi aplicada a correção automática do perfil anteriormente definido e também a remoção da aberração cromática. Foi ainda aplicada uma saturação de +10 em todas as imagens, no parâmetro 'básico'.

Terminada a edição geral, cada imagem foi editada individualmente, exceto as fotografias tiradas no mesmo ambiente, como por exemplo, as sequências, onde se

editou uma das imagens e guardou-se as definições de edição, que depois foram aplicadas nas outras imagens da mesma sequência.

De modo a explicar o processo de pós-produção, foram selecionadas algumas das imagens que passaram por um processo mais trabalhado, seguidamente abordado sobre cada fotografia de forma individual, onde está demonstrada a pré-edição e o pós-edição. Na imagem 42, em baixo representada, pode-se verificar o antes e o depois da pós-produção, feita no programa Adobe Camera Raw.

O tratamento desta fotografia, passou essencialmente por manipular vários tópicos, como os menús ‘básico’, ‘curvas’ e ‘misturador de cores’. Dentro do tópico básico, começou-se por fazer o balanço de brancos, e depois manipulou-se a exposição, contraste, destaques, sombras, brancos e pretos. Na curva de tom, diminuiu-se os destaques e as luzes, e aumentou-se um pouco os negros e as sombras. No misturador de cores, foram alteradas todas as cores, tirando os aquas. Foi ainda criada uma máscara para o objeto, dentro da qual também se alterou a exposição, o contraste, os destaques, as sombras, os brancos e os negros.



Imagem 42- Pré-edição de um boneco por Rita Cortês (2023)



Imagem 43- Pós-produção de um boneco por Rita Cortês (2023)

A imagem seguinte retrata uma sessão de terapia ocupacional que o Martim frequenta, em Viseu. Tal como na fotografia anterior, o tratamento desta fotografia passou por mexer nos menus ‘básico’, ‘curvas’ e ‘misturador de cores’. No menu ‘básico’, alterou-se a exposição, o contraste, os destaques, as sombras, os brancos e os pretos. Na curva de tom, os destaques e as sombras foram diminuídos, e as luzes e os negros foram aumentados. No ‘misturador de cores’, foram alteradas todas as cores menos os verdes.



Imagem 44- Pré-edição do Martim na terapia ocupacional por Rita Cortês (2023)

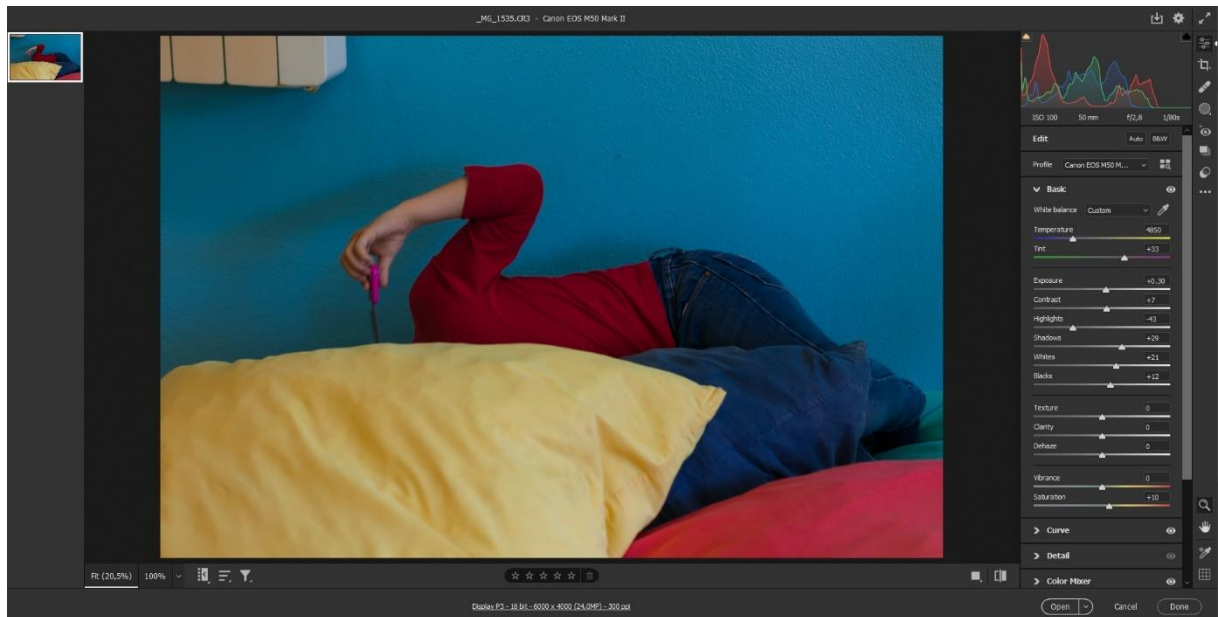


Imagem 45- Pós-produção do Martim na terapia ocupacional por Rita Cortês (2023)

Ainda em relação a fotografias em espaços interiores, a imagem seguinte é um bom exemplo da falta de luz natural dentro de casa. A imagem 46, que representa a imagem original, retrata o interior de uma sala de estar, da casa da mãe do Martim.

A edição desta fotografia passou pelo balanço de brancos, no parâmetro ‘básico’, onde se aumentou a exposição, o contraste, as sombras, os brancos e os pretos, tendo apenas diminuindo os destaques. Nas curvas de tom, os destaques foram diminuídos, e as luzes, os negros e as sombras foram aumentadas. No misturador de cores, foram alteradas todas, menos os verdes e os azuis. Esta imagem representa uma melhoria notoriamente visível comparada com a fotografia original, conseguida através da pós-produção, tal como se pode observar na imagem 47.



Imagem 46- Pré-edição do Espaço interior da casa da mãe por Rita Cortês (2023)



Imagem 47- Pós-produção do Espaço interior da casa da mãe por Rita Cortês (2023)

Na imagem 48, podemos ver o Martim deitado no chão de casa. Aqui, para além do balanço de brancos, aumentou-se a exposição, o contraste, as sombras, os brancos e os pretos, e diminui-se os destaques. Nas ‘curvas de tom’, diminuiu-se os destaques, e as luzes, os negros e as sombras foram aumentados. No misturador de cores, todas elas sofreram alterações, à exceção dos verdes. A imagem 49 é a fotografia final, após edição.



Imagem 48- Pré-edição do Martim deitado no chão por Rita Cortês (2023)



Imagem 49- Pós-produção do Martim deitado no chão por Rita Cortês (2023)

Relativamente a imagens captadas em espaços exteriores, encontram-se em baixo algumas delas. Aqui, serão abordadas fotografias que se alteraram significativamente com a pós-produção.

Na imagem 50, podemos observar o Martim a brincar com bolas de sabão, no terraço de casa. Esta imagem faz parte de uma das seqüências de quatro fotos, inserida no livro de fotografia final. A imagem 51 corresponde a fotografia final, depois da pós-produção. No parâmetro ‘básico’, fez-se o balanço de brancos, aumentou-se a exposição

e o contraste, e diminuiu-se os destaques, as sombras, os brancos e os pretos. Na ‘curva de tom’, reduziram-se os destaques, os negros e as sombras, e aumentaram-se as luzes. No misturador de cores, foram todas as cores alteradas, menos os aquas e os magentas.



Imagem 50- Pré-edição do Martim a brincar com bolas de sabão por Rita Cortês (2023)



Imagem 51- Pós-produção do Martim a brincar com bolas de sabão por Rita Cortês (2023)

Na fotografia seguinte, podemos ver o Martim debruçado sobre um cavalo, durante uma sessão de terapia. A imagem 52 corresponde à pré-edição e a imagem 53 corresponde ao resultado da fotografia pós-produzida. Com o balanço de brancos

terminado, aumentou-se a exposição, o contraste, as sombras, os brancos e os pretos, e só foram diminuídos os destaques. Na ‘curva de tom’, diminui os destaques e as luzes, e aumentei os negros e as sombras. Por fim, trabalhei no ‘misturador de cores’, onde alterei todas, à exceção dos aquas e magentas.

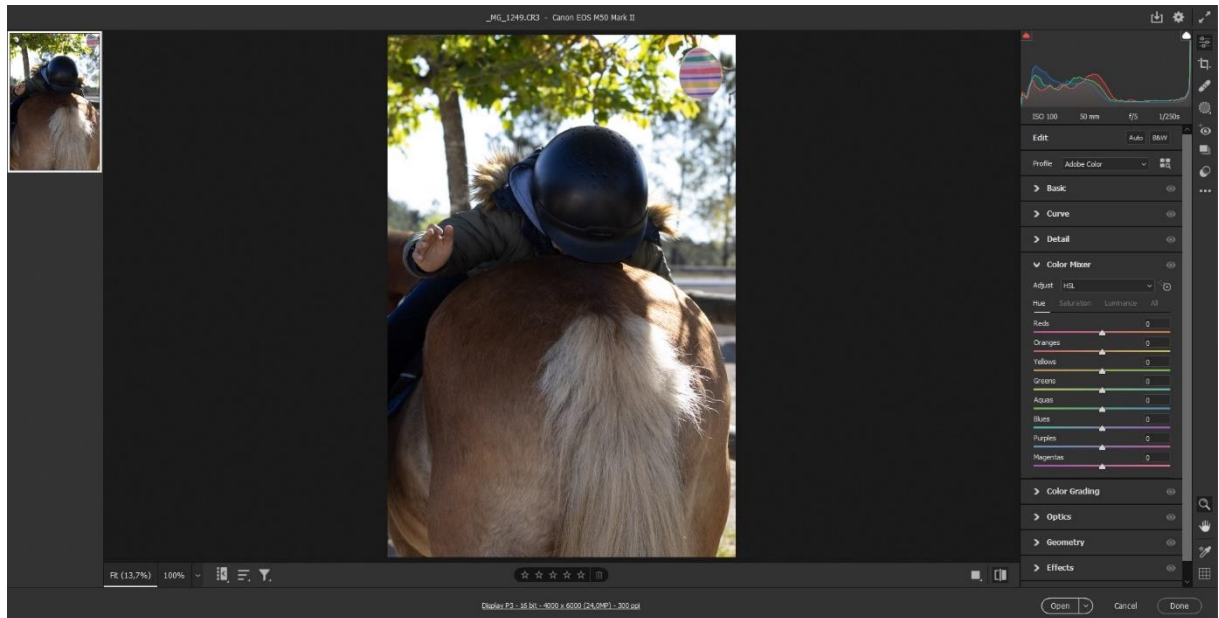


Imagem 52- Pré-edição do Martim na terapia com cavalos por Rita Cortês (2023)

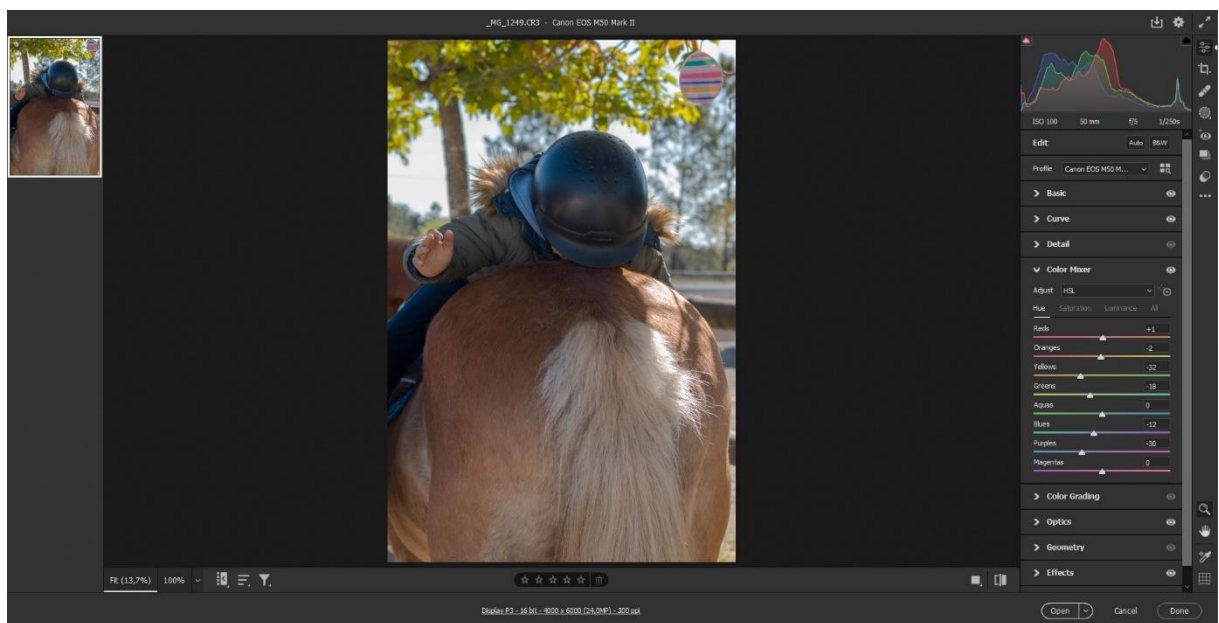


Imagem 53- Pós-produção do Martim na terapia com cavalos por Rita Cortês (2023)

Em seguida, podemos ver a imagem 54, onde está representado o jardim da casa do pai do Martim, onde ele brinca e costuma passar algum tempo ao final do dia. Nesta

edição, começou por se fazer o balanço de brancos, e depois aumentou-se a exposição, o contraste, as sombras, os brancos e os pretos, tendo apenas diminuindo os destaques. Nas curvas, diminuíram-se os destaques e as luzes, e aumentou-se os negros e as sombras. Por fim, mexeu-se no misturador de cores, no qual se modificou todas as cores disponíveis. O resultado desta pós-produção pode ser visto em seguida, na imagem 55.

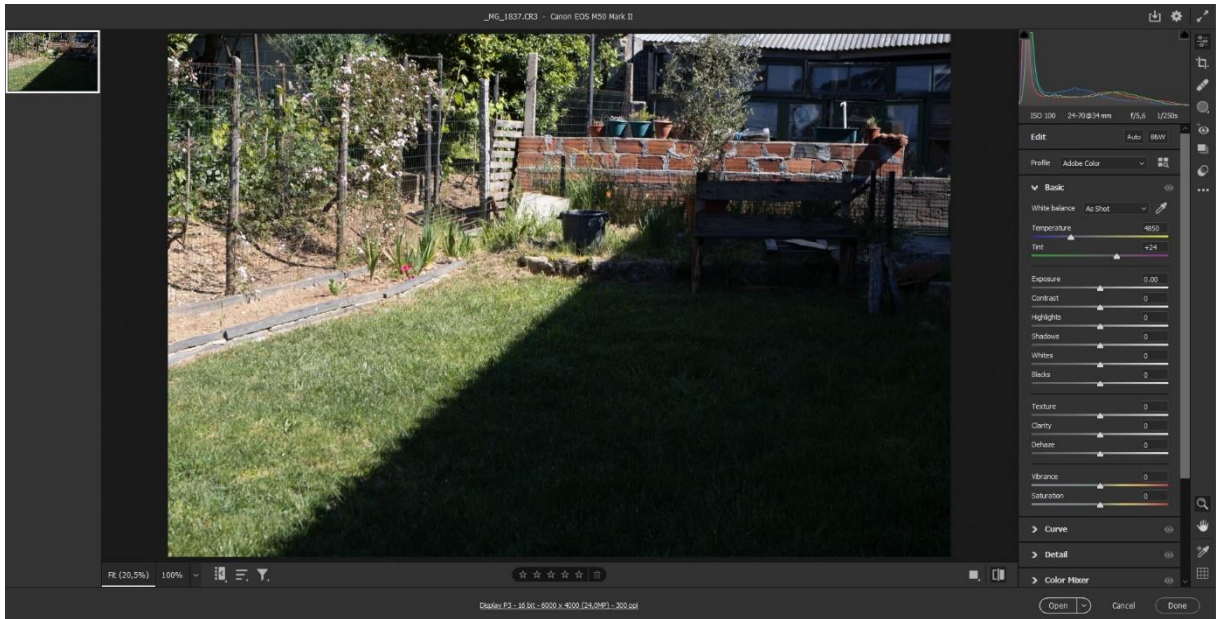


Imagem 54- Pré-edição do Jardim na casa do pai por Rita Cortês (2023)

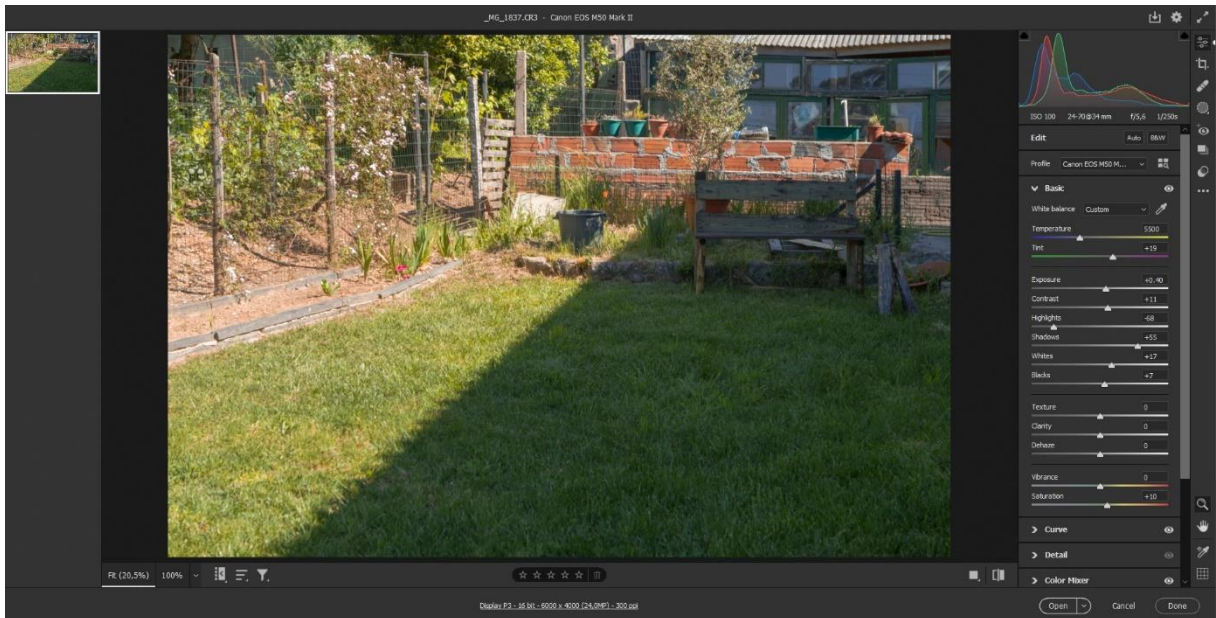


Imagem 55- Pós-produção do Jardim na casa do pai por Rita Cortês (2023)

A imagem 56, é relativa à pré-edição de outra fotografia tirada em espaço exterior, neste caso, é no terraço da casa da mãe do Martim. A pós-produção desta imagem começou por fazer o balanço de brancos, e depois aumentou-se a exposição, o contraste, os brancos e os pretos, tendo diminuído os destaques e as sombras. Nas curvas, baixou-se os destaques e os negros, e aumentou-se as luzes e as sombras. No misturador de cores, foram alteradas todas as cores existentes. O resultado final pode ser visto na imagem 57, em baixo apresentada.

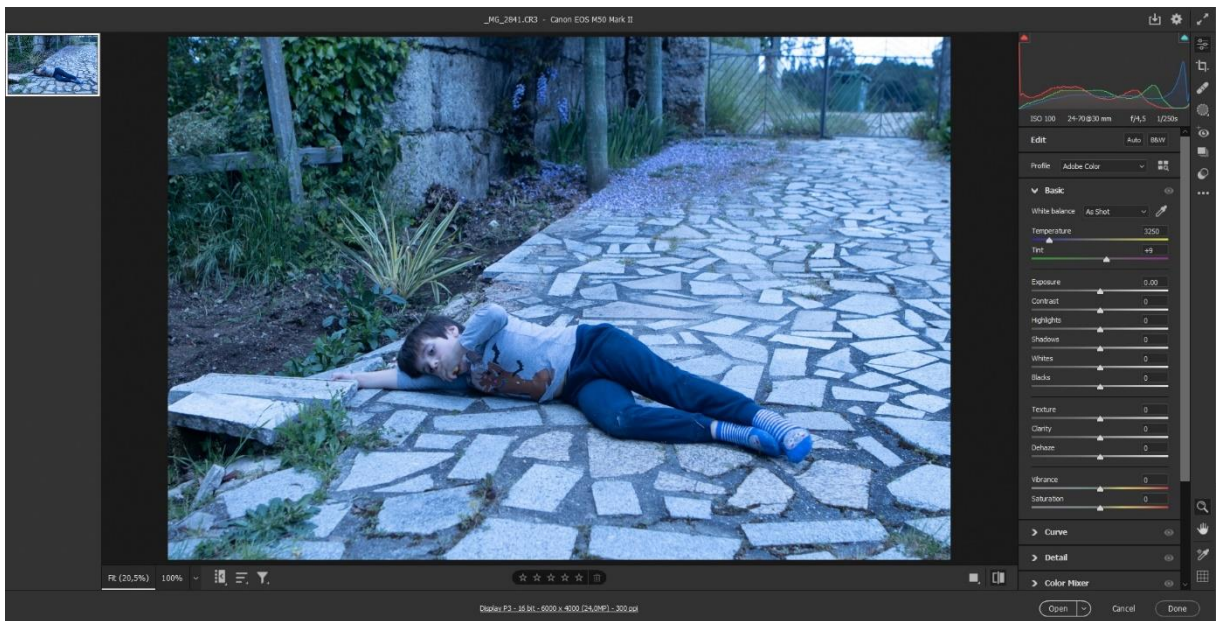


Imagem 56- Pré-edição do Martim no terraço de casa da mãe por Rita Cortês (2023)

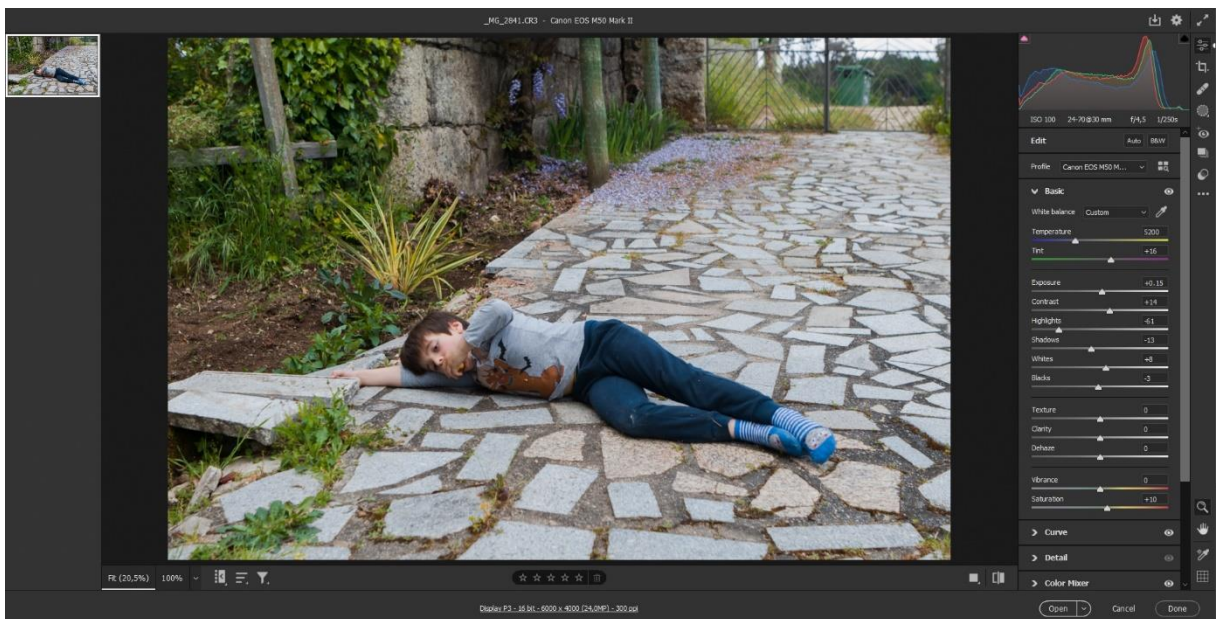


Imagem 57- Pós-produção do Martim no terraço de casa da mãe por Rita Cortês (2023)

A imagem 58 é a última a referir neste tópico, onde podemos ver o Martim abraçado à mãe, num momento íntimo de troca de carinho. Aqui, foi feito também o balanço de brancos, e tal como as restantes imagens referidas em cima, também se alterou os parâmetros do menu ‘básico’, como o aumento da exposição, do contraste, das sombras, dos brancos e dos pretos, sendo que apenas se reduziu os destaques. Também se mexeu nas ‘curvas’, onde se reduziu os destaques e os negros, e se aumentou as luzes, mantendo a sombra a 0. No ‘misturador de cores’, alterou-se todas as cores existentes.

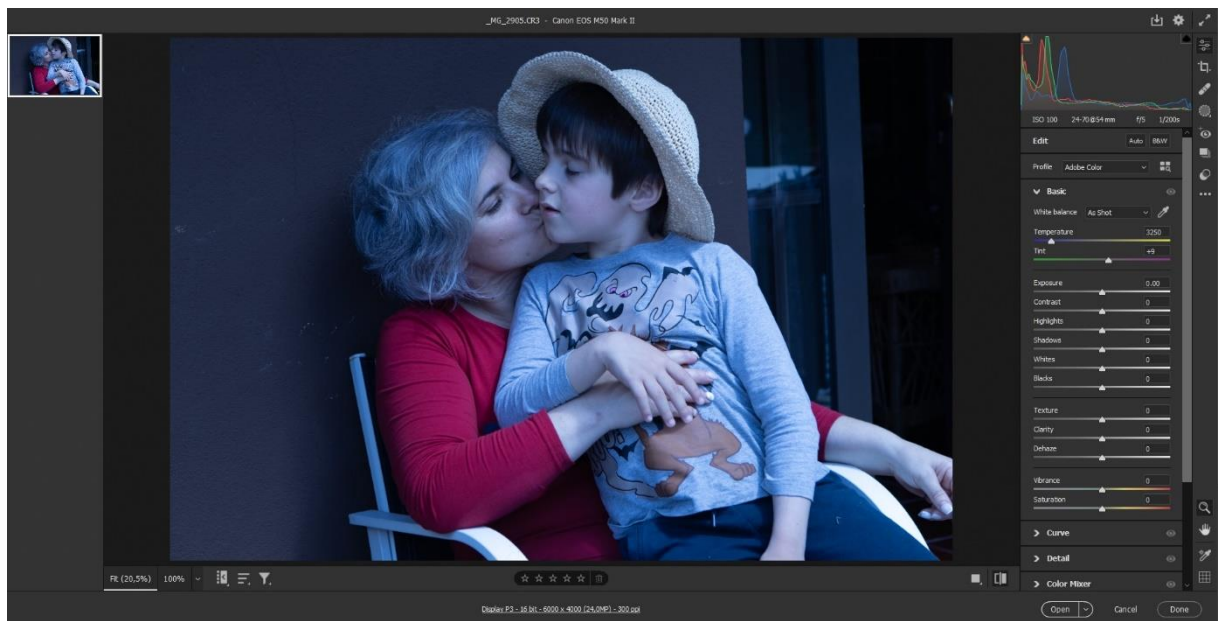


Imagem 58- Pré-edição do Martim com a mãe por Rita Cortês (2023)

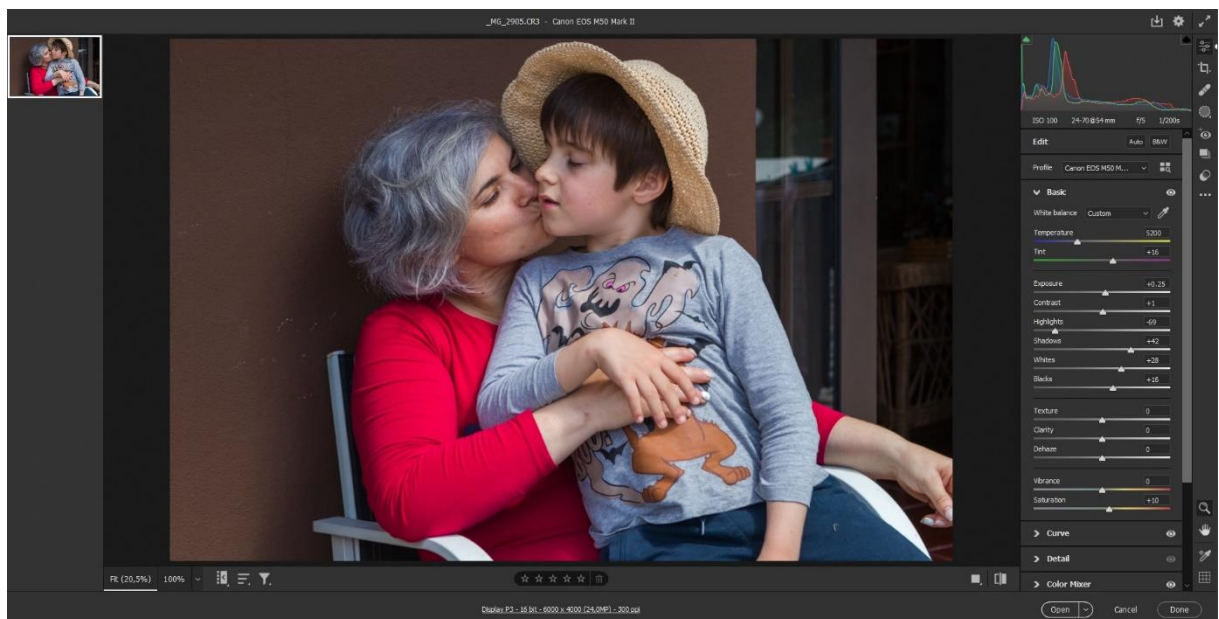


Imagem 59- Pós-produção do Martim com a mãe por Rita Cortês (2023)

CAPÍTULO 5: EXECUÇÃO DO LIVRO DE FOTOGRAFIA

O capítulo 5 é dedicado exclusivamente à construção e produção do livro de fotografia, onde são abordadas questões estéticas relacionadas com a disposição das imagens, seleção e escolha de tipos de papéis e algumas referências de fotolivros já produzidos, relevantes para a sua construção.

Para além disso, este capítulo apresenta o livro final, remetido em anexo, os respetivos acabamentos finais, como os materiais de finalização, e a respetiva encadernação.

5.1. O Processo da Construção do Livro de Fotografia

O processo de construção do livro de fotografia passou por diferentes etapas, desde a definição de formato, organização e associação das imagens, organização das sequências, escolha da imagem de capa, escolha da tipografia a utilizar, escrita da sinopse e da ficha técnica. Inicialmente, pretendia-se fazer no tamanho de 25x30 cm, horizontal, sendo que também se experimentou em formato vertical. Após várias reflexões sobre o assunto, optou-se pelo tamanho A4 (21x29,7cm), com formato vertical. A escolha do formato vertical deve-se ao facto de ser um formato que facilita o manuseamento e acolhe melhor as grelhas, que serviram de guia para a distribuição das imagens.

Tendo isso definido, foi feito o planeamento, a organização e a disposição para cada fotografia. Este livro pretende demonstrar a rotina diária do Martim, através da representação de momentos íntimos, representados através de imagens, que não só mostram momentos difíceis vividos por ele, como também momentos de felicidade e de interação com os colegas da turma e com algumas das pessoas que o rodeiam diariamente. Assim sendo, este livro apresenta imagens em que o Martim se encontra a brincar sozinho, quer na escola, quer em casa, e também mostra imagens dele a interagir com os colegas, onde é visível um carinho mútuo.

Ao longo do livro, existem oito sequências de imagens, das quais cinco são de quatro imagens, e as restantes três são sequências de três imagens. Essas sequências vão surgindo ao longo do livro, estando sempre interligadas com as imagens anteriores. As sequências são horizontais e verticais: as horizontais têm 10x15 cm, e as verticais têm 15x10 cm.

É muito importante que este livro tenha imagens de espaços sem a presença do Martim, com o objetivo de desviar o olhar do público do elemento principal. Além disso, as imagens dos espaços servem também para fornecer um maior contexto do meio em que ele vive, sendo visível que é uma criança que vive no campo e que está em contato frequente com a natureza. Mesmo não aparecendo em todas as imagens, ele está omnipresente: os locais representados, correspondem aos locais onde o Martim passa mais tempo, ou seja, a escola, os locais de cada terapia, a casa do pai e a casa da mãe. O livro apresenta também duas fotografias do Martim com o pai e com a mãe, num momento de troca de afetos.

O livro contém uma sinopse, que se encontra no início do livro, escrita de uma forma mais sugestiva, que funciona como uma introdução do livro. No final do livro, pode-se encontrar a ficha técnica, com todas as informações do trabalho, da autora e do livro em si, onde estão descritas as especificações técnicas do livro, como o nome da autora, a impressão e tipo de papel.

O processo da construção do fotolivro foi bastante relevante para mim, pois permitiu-me perceber de uma forma mais clara, o que pretendia transmitir e mostrar às pessoas, isto é, demonstrar a rotina do Martim e da luta constante vivida por ele, enquanto criança no espectro do autismo. Posto isso, o livro pretende dirigir-se ao Martim e aos seus pais e família, bem como a todas as pessoas que vivam com a mesma condição e respetivas famílias. Também poderá ser útil ao público em geral, de modo a conhecerem uma realidade que, apesar de ser diferente da deles, é todos os dias vivida intensamente, com respeito e amor.

5.2. Acabamentos Finais

Nos acabamentos finais do livro, estão incluídos a impressão final e a encadernação. A impressão do livro foi feita na Personaliz'Art, uma gráfica na cidade do Porto, no tamanho A4, vertical, em papel Munken de 120g. Relativamente ao tipo de encadernação do livro, optou-se pela encadernação manual, com a lombada à vista, na Ana & Carvalho, no Porto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo o desenvolvimento de um projeto fotográfico sobre a vida de uma criança no espectro do autismo. Para tal, foi feito o acompanhamento fotográfico documental da vida do Martim em vários contextos, com os quais se pretendia demonstrar a forma como ele brinca, se relaciona, se enquadra nos espaços em que se encontra e como reage a diferentes estímulos.

Tornou-se importante, antes de mais, compreender o autismo enquanto condição, através do seu contexto histórico, a definição de autismo segundo vários autores, uma breve explicação dos tipos de graus e uma pequena introdução do que são as perturbações do neurodesenvolvimento. Isso permitiu-me mergulhar de uma forma mais profunda no projeto e fez-me conhecer mais algumas características do autismo, não conhecidas anteriormente.

Foi também importante investigar sobre os conceitos de autenticidade e veracidade na fotografia documental, através da abordagem ao trabalho de vários fotógrafos. Aqui, investigou-se sobre qual o papel que a imagem representa enquanto ferramenta terapêutica, em crianças no espectro do autismo e outras perturbações do neurodesenvolvimento. Pela análise ao método de comunicação visual PECS, foi possível concluir que a sua utilização contribui para a compreensão verbal e expressão oral dessas crianças, pois a base desse método é feita através de símbolos/pictogramas, facilitando a aquisição de conceitos do dia-a-dia, permitindo-lhes ganhar autonomia a longo prazo.

Tendo como base a aprendizagem adquirida pelas diferentes definições de fotografia documental, foram analisados três projetos fotográficos sobre o autismo. Aqui, foi feito o estudo individual de cada um e apresentadas algumas das imagens de cada projeto. Ao olhar para estes trabalhos, é como se pudéssemos sentir a angústia e frustração de cada criança nelas representada. A análise destes projetos permitiu adquirir uma noção visual de algumas das características de crianças com autismo, em particular a tendência para o isolamento e a preferência por brincarem sozinhas.

A metodologia de abordagem prática passou por várias etapas, desde o pedido das autorizações necessárias, preocupações éticas, escolha dos locais, escolha do equipamento, cronograma do projeto e respetivo orçamento. Ao longo do projeto, existiu sempre a preocupação pelas questões éticas que o mesmo exigiu, onde foi tido o máximo

cuidado de forma a assegurar uma distância mínima entre mim e o Martim, e também entre mim e as outras crianças que fotografei.

A escolha dos locais foi muito importante, pois pretendia-se tirar o maior partido possível da luz natural. O facto de ter fotografado em locais com pouca luz natural, fez com que recorresse à luz disponível para conseguir fotografar, ou seja, a luz artificial. Fotografar em ambientes um pouco escuros, obrigou-me a diminuir a velocidade do obturador e a aumentar a abertura do diafragma, o que permitiu a entrada de uma maior quantidade de luz no sensor. Para além disso, também se aumentou o ISO, aumentando ligeiramente o ruído digital comparativamente às imagens no exterior, todas com o ISO a 100.

Ao fotografar com o material que possuo e enquanto um exercício fotográfico em si, pude observar a forma como a luz se espalha nos espaços e como esconde as tonalidades das cores reais, em comparação com o olho humano. Contudo, tive muito cuidado ao fazer os enquadramentos, aproveitando as composições visuais criadas pela luz. Posto isto, e como referido no ponto 4.6., todas as imagens passaram por um processo de trabalho em pós-produção, que conseguiu aproximar visualmente algumas das imagens àquilo que os meus olhos viram.

Este trabalho exigiu de mim, enquanto fotógrafa, um distanciamento pessoal que me permitisse ter um olhar que não fosse demasiado afetado, pelo facto de estar a fotografar um familiar. Este projeto reflete também a minha sensibilidade enquanto pessoa, e enquanto futura profissional, sendo necessário refletir e pensar, quando se tem de parar de fotografar e simplesmente estar presente, enquanto pessoa e observadora.

Este projeto levou a um crescimento da minha autoconfiança pessoal e de, espero, futura profissional na área da fotografia. Estou muito grata por ter tido a oportunidade de realizar um projeto deste carácter, que me desafiou, mas que ao mesmo tempo, permitiu que me aproximasse do meu primo, ajudando-me a compreendê-lo e às suas dificuldades.

Sinto que todos os objetivos definidos foram cumpridos, pois consegui captar registos do Martim a brincar, a interagir com outras pessoas, mostrar o enquadramento dos espaços em que se encontrava e da sua interação com os mesmos, e algumas das suas reações a diferentes estímulos. Por outro lado, o contato e respetivas conversas com os terapeutas e professores tornou-se fundamental, por ajudarem a formar a base da

investigação teórica sobre a importância que a imagem pode representar enquanto ferramenta terapêutica.

Embora este corpo de trabalho tenha sido feito para a conclusão do mestrado, não se considera que seja a conclusão do projeto em si e do envolvimento com este assunto e com o Martim em particular. Será mais o início de uma pesquisa sobre as possibilidades dos processos técnicos e artísticos da fotografia, como ferramenta de observação e estudo comportamental, mas também como estímulo criativo e terapêutico para as pessoas com esta condição. Nesse sentido, será importante partilhar este trabalho com a comunidade que possibilitou o seu desenvolvimento, a família do Martim, os professores e os terapeutas, interrogando sobre os resultados obtidos e procurando caminhos para o desenvolver no futuro. Essa partilha irá acontecer no início do próximo ano letivo, na escola do Martim, sendo que a data ainda está por definir, consoante a disponibilidade de todos.

Por outro lado, considera-se muito importante perceber como o Martim irá reagir a este registo fotográfico observacional feito sobre ele e de que forma isso poderá condicionar a sua continuidade. Imaginamos possibilidades para um desenvolvimento de trabalho, com a consciência de que se prolongará num tempo próprio que é o do desenvolvimento da criança.

Depois da apresentação do livro no contexto da defesa em prova pública, tenciono que o projeto seja exibido ao público em contexto expositivo. Esta possibilidade está em discussão com espaços da cidade onde o Martim reside, em Tondela. Pretendo continuar a desenvolver trabalhos como este num futuro próximo e contribuir para que a imagem fotográfica possa ter um papel construtivo, em processos terapêuticos de crianças nesta condição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- American Psychiatric Association. (2023). *Autism Spectrum Disorder*.
<https://www.psychiatry.org;443/patients-families/autism>
- Barbosa, J. (2013, maio 9). *Pai capta universo particular do filho autista em projeto fotográfico sensível*. Hypeless. <https://www.hypeless.com.br/2013/05/pai-capta-universo-particular-do-filho-autista-em-uma-serie-de-fotos-cheia-de-sensibilidade/>
- Barthes, R. (1984). *Barthes_Roland_A_camara_clara_Nota_sobre_a_fotografia.pdf*. NOVA FRONTEIRA.
- Bate, D. (2009). *Photography: The key concepts* (English ed). Berg.
- Cunha, E. (2020). *Autismo e Inclusão: Psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família*. Digitaliza Conteúdo.
- Folgado, S. (2013). *DissertaçãoSilvia Folgado.pdf*.
- Fontcuberta, J. (2014). *O beijo de Judas*. Editorial Gustavo Gili.
- FPDA. (2021). *Autismo, o que é?* <https://www.fpda.pt/autismo-o-que-e>
- Fraiman, M. (2018). How Photography Helps a Five-Year-Old Boy with Autism Understand the World. *PHLEARN*. <https://phlearn.com/magazine/how-photography-helps-a-five-year-old-boy-with-autism-understand-the-world/>
- Golfetto, V. (2020). *A INCLUSÃO DE PESSOAS COM TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA (TEA) NO DESENVOLVIMENTO DAS HABILIDADES SOCIAIS*.
- Hewitt, S. (2008). *Compreender o Autismo- ESTRATÉGIAS PARA ALUNOS COM AUTISMO NAS ESCOLAS REGULARES*. PORTO EDITORA.
- Sontag, S. (1977). *Sobre fotografia Susan Sontag.pdf*.
- Sullivan, J. (2018). *4 Benefits of Photography for Autistic Students*. Edutopia.
<https://www.edutopia.org/article/4-benefits-photography-autistic-students/>

“Martim- Um Olhar Fotográfico Sobre o Autismo Infantil” de Ana Rita Cortês André

Vieira Filho, H. (2021, dezembro 22). *A Fotografia Como Instrumento Terapêutico – Revista TH – Terapia Holística*. <https://revistaterapiaholistica.com.br/2021/12/22/a-fotografia-como-instrumento-terapeutico/>

Zhang, M. (2017, abril 13). *Photographer Captures Life as a Mom of an Autistic Son*. PetaPixel. <https://petapixel.com/2017/04/13/photographer-captures-life-mom-autistic-son/>

Zilbovicius, M., Meresse, I., & Boddaert, N. (2006). Autismo: Neuroimagem Autism: Neuroimaging. *Rev Bras Psiquiatr*.

ANEXOS

Anexo A – Autorização do Diretor do Agrupamento de Escolas de Tondela Tomaz Ribeiro



DECLARAÇÃO DE CEDÊNCIA DE LOCAL PARA PROJETO FOTOGRÁFICO

Eu, abaixo assinado, concedo à autora Ana Rita Cortês André, estudante do curso de Mestrado em Comunicação Audiovisual da Escola Superior de Media Artes e Design (ESMAD), o direito perpétuo e irrevogável de utilizar as imagens registadas no local da Escola Básica do 1º ciclo (EB Campo de Besteiros- Centro Escolar) nas datas acordadas na primeira reunião tida no dia 5 de janeiro de 2023, bem como a produção do projeto “Martim- Uma Criança com Autismo: Um Olhar Fotográfico Sobre o Autismo Infantil” e de editar, apagar, alterar ou ajustar as imagens de qualquer modo. A autora garante que, as alterações a serem realizadas nas imagens originais não serão abusivas, comprometendo-se a não adulterar o carácter documental das mesmas. A autora tem o direito de utilizar as imagens recolhidas, como meio de garantir a sua utilização de forma responsável. A autora do projeto incluirá sempre todas as partes envolvidas no mesmo, no sentido de que, caso seja realizada uma exposição ou mostra do projeto em questão, será comunicado a todos os envolvidos. No caso de a autora necessitar de voltar ao local para imagens adicionais, comprometo-me a aceitar. Liberto perpetuamente a autora de quaisquer acções judiciais levantadas contra ela por virtude do aparecimento de imagens deste local no seu projeto.

Data: _____

Assinatura: _____

Assinado por: **Júlio de Melo Cabral Valente**
Num. de identificação: 03980718
Data: 2023.01.17 21:40:11+00'00"



Anexo B – Autorização dos Pais do Martim


**ESCOLA
SUPERIOR
DE MEDIA
ARTES
E DESIGN
POLITÉCNICO
DO PORTO**

Declaração de Cedência de Direitos de Imagem de Menores

Eu, Luis Carlos da Costa Cortês Feres (Pai), na qualidade de encarregado(a) de educação, com o Cartão de Cidadão número 03856776 82X5, concedo a cedência de direitos de imagem, do meu filho Martim de Campos Cortês, no âmbito do Projeto “Martim- Uma Criança com Autismo: Um Olhar Fotográfico Sobre o Autismo Infantil”, realizado no âmbito do Mestrado em Comunicação Audiovisual – Especialização em Fotografia e Cinema Documental, da Escola Superior de Media Artes e Design (ESMAD), do Instituto Politécnico do Porto (IPP). Concedo os direitos de edição, comercialização e todos os direitos conexos com a obra em causa, autorizando, designadamente, quer a exibição do trabalho em exposições, sites institucionais, em todo e qualquer meio de comunicação existente, agora ou no futuro concebidos.

Vilma Bastião, 20 de janeiro de 2023

Assinatura conforme BI/Cartão de Cidadão

 CC - 03856776 82X5

**ESCOLA
SUPERIOR
DE MEDIA
ARTES
E DESIGN**
POLITÉCNICO
DO PORTO

Declaração de Cedência de Direitos de Imagem de Menores

Eu, Lustina da Conceição S. Campos, na qualidade de encarregado(a) de educação, com o Cartão de Cidadão número 1160.4729, concedo a cedência de direitos de imagem, do meu filho Martim de Campos Cortês, no âmbito do Projeto “Martim- Uma Criança com Autismo: Um Olhar Fotográfico Sobre o Autismo Infantil”, realizado no âmbito do Mestrado em Comunicação Audiovisual – Especialização em Fotografia e Cinema Documental, da Escola Superior de Media Artes e Design (ESMAD), do Instituto Politécnico do Porto (IPP). Concedo os direitos de edição, comercialização e todos os direitos conexos com a obra em causa, autorizando, designadamente, quer a exibição do trabalho em exposições, sites institucionais, em todo e qualquer meio de comunicação existente, agora ou no futuro concebidos.

Sondela, 20 de janeiro de 2023

Assinatura conforme BI/Cartão de Cidadão

Lustina Campos

Anexo E– Documento Word com as Respostas dos Professores e Terapeutas

Qual é o contributo da imagem enquanto ferramenta de trabalho?

A imagem pode facilitar a aquisição de conceitos e, situações em que o nível cognitivo e linguístico da criança surge fragilizado. Sendo a memória visual e a capacidade de associar e seguir padrões por cópia duas das competências mais fortes das crianças com perturbação do espectro autismo, a utilização da imagem nas sessões facilita o seu desenvolvimento.

O recurso ao suporte visual é muito importante, pois esta é uma das áreas fortes da criança com PEA. De facto, a maioria das crianças tem alterações do processamento auditivo central, o que significa que têm dificuldade em processar a informação auditiva, tendo por isso dificuldade na discriminação verbal, reagindo de forma hiper ou hipossensível aos sons. As vantagens no uso de suporte visual são várias: comunicar à criança o que vai acontecer ao longo do dia (noção de tempo), promover a realização de atividades autónomas, ensinar regras e comportamentos alternativos, promover a comunicação/linguagem, possibilitar a escolha e o "dar a vez", permitir aprender a esperar.

A associação entre imagens reais e símbolos/pictogramas

As instruções visuais (por exemplo, que mostrem as etapas de como utilizar a casa de banho) permitem a autonomização da criança para que esta desenvolva a capacidade de seguir instruções. De uma forma gradual, se formos associando a imagem real, facilitará o processo de generalização da competência a diversos contextos.

Fotografar as ações da própria criança pode ser uma boa estratégia para construir um sistema de comunicação alternativo. O recurso à imagem cria um interesse maior por parte da criança e torna-se num estímulo mais concreto que pode promover a comunicação da criança.

Um sistema de comunicação através de símbolos/imagens facilita tanto a compreensão quanto a expressão, quando se estabelece a associação entre atividade/símbolos.

Ajuda crianças sem linguagem, ou com uma linguagem não-funcional, a ter uma "voz"; desenvolve a compreensão da comunicação; desenvolve o uso da estrutura da linguagem; pode ser aplicado por todos os que rodeiam a criança e pode ser aplicado a qualquer criança independentemente do seu nível de linguagem e cognitivo.

A utilização do PECS como um meio de comunicação (explicação do que é e como funciona)

O PECS é um sistema de comunicação alternativo/ aumentativo desenvolvido nos EUA em 1985 por Andy Bondy, PhD, e Lori Frost, MS, CCC-SLP. Foi implementado pela primeira vez com alunos do pré-escola, diagnosticados com autismo, no Programa de Autismo de Delaware. Desde então, o PECS foi implementado com sucesso em todo o mundo, com milhares de alunos de todas as idades e com vários desafios cognitivos, físicos e de comunicação.

O protocolo de ensino do PECS é baseado no livro de B.F. Skinner, *Comportamento Verbal*, e no largo espectro da *applied behavior analysis* (análise comportamental aplicada). Ao longo do protocolo são utilizadas estratégias específicas de ajuda e reforço que levarão à comunicação independente. O protocolo também inclui procedimentos sistemáticos de correção de erros para promover a aprendizagem se ocorrer um erro. Não são usadas ajudas verbais, construindo assim iniciação imediata e evitando dependência das ajudas.

O PECS consiste em seis fases e começa por ensinar uma pessoa a dar uma única imagem de um item ou ação desejado(a) a um “parceiro comunicativo”, que imediatamente premeia a troca como um pedido. O sistema, a seguir, ensina a discriminação de imagens e como as reunir em frases. Em fases mais avançadas, as pessoas são ensinadas a usar modificadores, responder a perguntas e comentar.

O principal objetivo do PECS é ensinar comunicação funcional.

Quais as distâncias a respeitar entre o fotógrafo e uma criança com autismo?

Nunca tendo procurado sustentação teórica acerca desta questão, parece-me que vai depender de cada criança. Em crianças mais sensíveis a estímulos externos e menos recetivas à interação social, será conveniente uma distância maior, com prejuízo de interferir com a sua autorregulação. Por outro lado, em crianças menos sensíveis a estes fatores, a distância poderá ser menor, permitindo uma maior aproximação física.